



**INSTITUTO DE PSICOLOGIA – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO – PED**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E
INSTITUCIONAL**

TURMA IX

(2010/2011)

Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero

TRABALHO FINAL DE CURSO

Apresentado por: Cleuza Fatima Barbieri

Orientado por: Profª. Dra. Regina da Silva Pina Neves

BRASÍLIA, 2011

Afetividade e Matemática: possibilidades da intervenção psicopedagógica

Apresentado por: Cleuza Fatima Barbieri

Orientado por: Prof^ª. Dra. Regina da Silva Pina Neves

ÍNDICE

I/ Introdução	04
II/ Fundamentação Teórica	08
III/ Método de Intervenção.....	13
3.1/ Sujeito(s) e/ou Instituição.....	15
3.2/ Procedimentos Adotados.....	15
IV/ Observação psicopedagógica.....	16
4.1/ Sessões de Observação Psicopedagógica.....	16
4.1.1 Primeira Sessão.....	16
4.1.2 Segunda Sessão.....	17
4.1.3 Terceira Sessão.....	19
V/ Discussão geral das observações psicopedagógicas.....	20
VI/ Intervenção Psicopedagógica.....	22
6.1 Sessões de Intervenção Psicopedagógica.....	22
6.1.1 Primeira Sessão.....	22
6.1.2 Segunda Sessão.....	24
6.1.3 Terceira Sessão.....	26
VII/ Discussão geral da intervenção psicopedagógica.....	27
VIII/ Considerações finais.....	29
IX/ Referências.....	32
X/Apendice A.....	33

I/ Introdução

Ao longo de minha formação acadêmica sempre senti inquietação sobre o tema educação. Por muitos momentos recusei-me falar sobre isso, no entanto percebo, nos dias atuais, que abordá-lo é central para o entendimento do desenvolvimento afetivo dos sujeitos em processos de escolarização.

Atualmente em minha prática clínica, recebo muitas crianças com relatos que perturbam e atrapalham o seu desenvolvimento psicológico e acadêmico saudável. É notório como os aspectos afetivos, que permeiam toda a existência desde o nascimento, afetam a vida destas crianças. São detalhes que muitas vezes passam despercebidos pelos professores, mas que para o aluno faz toda a diferença. Desde um olhar carinhoso, um suporte em horas difíceis, um reconhecimento do esforço, uma valorização e, acima de tudo, respeito. Somente quem está por detrás dos “bastidores” da educação percebe a importância do educador na vida do aluno.

Tenho ouvido muitos relatos sobre o valor dos educadores para a formação de seus alunos, alguns positivos, outros negativos. Muitos associam tais episódios às dificuldades que enfrentaram em sua formação. Ao mesmo tempo em que alguns associam episódios positivos a aspectos exitosos em sua formação e desenvolvimento. Tal situação pode ser acompanhada nos relatos a seguir, colhidos em situação de atendimento formal e informal que abordam a relação aluno-professor e suas possíveis consequências em termos de desempenho educacional.

Após ouvir muitos relatos, selecionei três pela diversidade de olhares, como também pelo fato deles comungarem de eixos como emoção e aprendizagem. O primeiro com consequências no organismo, o segundo pelo sentimento de raiva e indignação, o terceiro pela associação da emoção positiva vivida no ambiente escolar com seu sucesso, fazendo-nos acreditar na correlação entre afeto, compressão do educador e possibilidade de êxito do aluno.

V, 32 anos, associa problemas atuais de saúde a um episódio que vivenciou na escola quando possuía seis anos de idade. Uma professora a impediu de ir ao banheiro, o que lhe causou muito constrangimento diante da turma tendo em vista que urinou nas próprias vestes. Ficou imobilizada e esquecida em sala de aula, só foi encontrada pela

sua mãe horas depois, completamente humilhada e envergonhada. *“Tinha 6 anos quando estava na 1ª série e estudava à tarde; naquele dia devido ao calor tinha bebido bastante líquido e na hora do recreio tinha ido ao banheiro várias vezes, mas como toda criança parece conseguir segurar menos a vontade... Não deu outra, na hora da aula deu vontade de fazer xixi e eu esperei um pouco e pedi a minha professora pra ir ao banheiro, ela disse que tinha pouco tempo que acabara o recreio e não deixou; uns minutos depois pedi de novo e nada e na última tentativa já era tarde demais. No fim da aula minha mãe ficava me esperando na entrada do corredor e nesse dia nada de mim, minha mãe então foi ao meu encontro e me achou na sala sozinha e chorando de vergonha, pois estava molhada de xixi; minha mãe enrolou um casaco na minha cintura e foi até a secretaria, ela só não bateu na professora porque a seguraram. Desse dia em diante, tive vários problemas como infecção urinária e cistite, tudo porque segurava muito a minha vontade... e mesmo até hoje, às vezes sinto vontade e estou ao lado do banheiro mas mesmo assim fico esperando, esperando até dá bem mais vontade... Foi muito triste...”*

Em outra situação, M, 27 anos, estudante de uma instituição pública de ensino superior do Distrito Federal relata: *“A matéria era equações diferenciais ordinárias e a professora era muito fraca em termos técnicos e emocionais!! Daí, tinha reprovado na matéria com 4,7 e fui garimpar meus décimos nas três provas. Fui pra aquela conversa de final de semestre e enquanto eu garimpava meus pontinhos, ela falou: Espere um pouquinho meu filho!! Você faz que curso?? Eu, respondi: Engenharia Mecatrônica!! Ela disse: Bom muito bom!! Engenharia é exatas não é meu filho?? Sim senhora professora!! Pois é, aqui ou você acerta ou você erra!! Você errou, está reprovado e permanecerá reprovado. Agora você pode se retirar que estou com pressa! Detalhe: isso foi dito a mim na frente de uns 20 desconhecidos (alunos) e houve aquele silêncio geral! Não achei muito bom ser tratado assim, fiquei muito tempo pensando nisso e com muita raiva com a situação gerada neste episódio. Isso não facilitou em nada meu desempenho, pelo contrário, me deixou tenso em inseguro se queria ou não continuar fazendo o curso.*

E, aos 50 anos de idade, bacharel em Matemática, lembra como uma atitude simples de uma professora mudou de forma positiva seu desempenho acadêmico por

toda a vida: *O fato é que eu e meu irmão estávamos no sétimo ano do ensino fundamental quando meus pais mudaram de cidade nós fomos matriculados no sexto ano, que era onde tinha vaga. Passamos aquele ano tranquilo, pois foi como se estivéssemos revisando as matérias. Então eu fazia todas as matérias com tranquilidade, mas a tal matemática é que me complicava, não porque não sabia, nas aulas até ensinava os outros colegas, tamanha era a facilidade, mas quando chegava nas provas não conseguia desenvolver, travava e não tinha jeito, não conseguia fazer as provas.*

O importante, neste relato é mencionar que a professora de matemática, ao perceber isso, fez uma coisa que julgo para a época 1975/1976 inusitada. Praticamente todos já tinham entregado a prova, quando ela, sentou na minha frente e de forma suave, falou você aguarde um pouco que preciso falar com você. Num primeiro momento fiquei sem saber ao certo o que estava acontecendo, mas fiquei ali parado, pois naquele tempo o professor era considerado como uma autoridade e nós além de obedecer, tínhamos uma enorme admiração e respeito.

Após todos os alunos terem saído da sala, a professora com a habitual calma de sempre, sentou na carteira a minha frente e olhando para a minha prova observou que não tinha respondido a nenhuma pergunta. Então me falou: Você sabe a matéria não sabe? A resposta foi imediata. Sim sei professora. Então agora, com calma, sem obrigação ou preocupação com nada, vou esperar você responder, se precisar vou ajudar. Fiz a prova em poucos minutos. A professora corrigiu na minha frente e atribui a Nota 10. Para ser sincero até eu mesmo fiquei surpreso com o resultado, mas feliz, confortado e confiante.

Tenho contado esta história ao longo de minha vida para muitas pessoas, como sinal de simplicidade, sensibilidade, exercício pleno de amor ao que faz autenticidade de um verdadeiro Mestre, que ao transmitir confiança, me proporcionou através deste gesto, ser o melhor aluno de matemática daquele e de muitos outros Colégios por onde tive a oportunidade de estudar.

Casos como os relatados acima são comuns, apesar disso são pouco considerados em sala de aula. Temos como hipótese que existe forte e significativa

influência da postura e da forma de tratamento que os educadores exercem sobre o educando em qualquer estágio do processo educacional. Os educadores exercem papéis importantes na vida das crianças, dos adolescentes e dos adultos, muitas vezes até mesmo substituindo papéis representativos do pai ou da mãe. Não queremos afirmar com isso, que a escola tem este papel, mas muitas vezes na ausência destes, o aluno elege o educador para representá-los. A família, em muitos casos, fica isenta das necessidades particulares dos filhos e delega unicamente à escola o papel da educação.

A literatura tem apontado muitos consensos e um deles é que o ser humano é razão e emoção, não sendo possível fazer separações. Ademais, enfatiza que aspectos emocionais, podem sim, interferir na aprendizagem. Por isso muitos autores, têm defendido que é necessário levar em conta a emoção como componente importante na assimilação de conteúdos. Cada ser tem sua forma de se relacionar com a aprendizagem e esta também é emoção, negligenciar estes aspectos é negligenciar o ser como um todo (FAVERO, 2005; CHACON, 2003; FERNANDES, 1991).

Por isso, entendemos que na formação de educadores é necessário conscientizar o professor nesse sentido. Sua função em sala de aula extrapola o saber e a mediação, vai além, faz parte da construção do outro, do desenvolvimento emocional, afetivo, cognitivo, que modifica, colabora, define, prejudica, passa valores e significados. Enfim, não fazem apenas o papel de ensinantes ou mediadores de conhecimento acadêmico, mas sim de figura, de influência, de parâmetros de orientação e de exemplos que perduram por toda a vida.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), além da formação inicial consistente, é preciso considerar um investimento educativo contínuo e sistemático para que o professor se desenvolva como profissional de educação. O conteúdo e a metodologia para essa formação precisam ser revistos para que haja possibilidade de melhoria do ensino. A formação não pode ser tratada como um acúmulo de cursos e técnicas, mas sim como um processo reflexivo e crítico sobre a prática educativa.

A arte de educar está fortemente relacionada com os aspectos emocionais e psicológicos dos sujeitos em formação, não tem como separar o cognitivo e o emocional

na aprendizagem. Quando o educador entender que seu papel não é de mero mediador de conceitos e fórmulas, quando ele se der conta que juntos com as fórmulas e os conceitos ele também passa valores e cidadania, poderá agregar novas formas de ensinar que possam produzir mudanças positivas na vida dos alunos.

Casos semelhantes aos relatados acontecem todos os dias. Temos ouvido relatos de alunos sobre suas dificuldades em matemática, muitas vezes associando a pessoa do professor com a disciplina, delegando a ele a complexidade e dificuldade que historicamente sabemos que a matemática carrega. Desta forma refletimos sobre esta dinâmica e compactuo com a visão de Cruz e Pina Neves (2010), que em seus estudos identificaram a atitude como um importante fator no aprendizado, segundo elas as atitudes podem ser influenciadas pelo ambiente, portanto podem ser aprendidas e modificadas. Assim é possível atuar para que se desenvolvam atitudes positivas em relação à matemática sendo um importante componente na prática pedagógica.

Diante dessa problemática, realizamos um estudo com o intuito de avaliar a relação aluno/professor de matemática de uma escola particular do Distrito Federal. Inicialmente observando como o professor aborda a disciplina e, posteriormente investigando o que os alunos e o professor pensam sobre o sistema adotado em sala e os afetos envolvidos neste processo. Para posteriormente, intervir no desenvolvimento profissional docente.

II/ Fundamentação Teórica

Neste capítulo, abordamos a fundamentação teórica que embasou o estudo em questão, destacando aportes da psicopedagogia e da Psicologia da Educação Matemática. Para tanto, apoiamo-nos nos conceitos de desenvolvimento humano e emoção.

O papel da escola é equalizar, diminuir as desigualdades, oferecer a todos as mesmas oportunidades para que cada um possa construir e instrumentalizar-se para a vida adulta. Zorzi (2003) nos lembra de que a aprendizagem da língua escrita necessita de intervenção social planejada, diferentemente da linguagem oral que se aprende sem necessariamente envolver a instituição escolar, a escrita e a leitura são produtos da cultura.

A criança quando inicia sua vida escolar já está com estruturas cognitivas e afetivas carregados de influências de seu contexto, já teve como base educacional os primeiros entendimentos de valores e significados. A criança vai à escola com muitas expectativas e leva um protótipo do que é aprender. Em família a aprendizagem foi construída com bases cognitivas e afetivas. O mesmo autor argumenta que:

“[...] a capacidade de atribuir significado ao que se aprende vai muito além do que a escola se propõe a ensinar, esta capacidade vai além de codificar e decodificar o que está escrito, depende também das experiências vividas de cada criança” (Zorzi, 2003, p. 55).

Para Miechuanki e Carvalho (2008) a criança ao iniciar a vida escolar passa a conviver com outras crianças que trazem experiências similares às suas ou não. Estas particularidades individuais favorecem a formação individual e o professor precisa ficar atento às particularidades dos alunos. Os professores parecem esquecer-se destas diferenças e agem como se todos fossem provenientes do mesmo meio e com características semelhantes.

Para Chacón (2003) este “esquecimento” das individualidades pode ser o responsável pelo fracasso do aluno na escola, gerando medos e traumas quando colocados frente a um problema. Esta autora anuncia que a questão emocional tem contribuição fundamental no ensino, pois a relação entre afeto e aprendizagem é cíclica: por um lado há as emoções relacionadas à predisposição a aprender, atitudes favoráveis, que auxiliam na aprendizagem, por outro quando o aluno aprende o conteúdo ele se sente mais seguro e feliz aumentando sua autoestima.

Atualmente a sociedade passa por mudanças profundas, estas mudanças afetam a forma de educar dos pais e novas concepções sobre a educação devem ser consideradas, não há mais como desconsiderar as mudanças, é necessário encontrar um meio de adaptá-las e integrá-las ao cotidiano escolar. Fernandes (1991) nos lembra que durante muito tempo entendeu-se a aprendizagem exclusivamente como um processo consciente e produto da inteligência, deixando o corpo e os afetos de fora de acordo com a visão racionalista e dualista do ser humano. “Houve humanos que aprenderam, porque não fizeram caso destas teorias e fugiram dos métodos educativos sistematizados” (p. 47).

Para esta autora o conhecimento é o conhecimento do outro e necessita de modelo e de sentido para ser construído e assimilado, pois não aprendemos de qualquer um, aprendemos de alguém que confiamos, é no vínculo formado entre aprendente e ensinante que autorizamos ao outro a passagem deste conhecimento.

Ao desconsiderar a existência dos vínculos afetivos, a escola reforça a negação do mesmo, refletindo em resultados negativos do desempenho dos alunos. Camargo (2004) reforça que a escola além de ignorar a afetividade, é frequentemente repressora das emoções, considerando alunos educados, os mais competentes em sufocar seus sentimentos. Se a escola não considerar que a sala de aula é um ambiente de compartilhamento de intensas emoções e sentimentos provocados por diversas situações relacionais entre os membros da sala, e que estes tipos de emoções e sentimentos dos mais simples aos mais complexos formam uma teia psicológica que vai interferir de forma positiva ou negativa no processo de ensinar e aprender pode haver um prejuízo no processo de aprendizagem.

A criança é um ser em constante modificação, não há como paralisar o processo maturativo emocional para lhe propor meros conceitos acadêmicos sem observar a sua afetividade. No processo de aprendizagem é possível construir ou desconstruir o significados e relações que perduram para uma vida adulta. Miechuanki e Carvalho (2008) completam que a mediação entre os alunos e professores pode ser fortalecida pela afetividade e confiança gerados entre ambos, pois neste íterim o afeto minimiza possíveis traumas que possam ocorrer no processo de aprendizagem. Vigotsky (conforme citado por Miechuanki e Carvalho 2008) reforça que a afetividade é um fator importante nas relações sociais, pois o homem se relaciona quando existe uma interação afetiva e de cumplicidade entre seus pares.

Os educadores precisam entender do desenvolvimento infantil, considerando os aspectos psicológicos e cognitivos da criança, assim poderão formular melhor seus objetivos acadêmicos e planejar sua aula com melhor resultado.

Muito se fez e muito se pesquisou até se chegar a um conceito mais próximo do que se pode falar de emoções na aprendizagem. Sabe-se que este assunto não se esgota enquanto há evolução, pois cada época é carregada de seus próprios entendimentos e

conceitos. Os grandes teóricos que se aprofundaram nas descobertas das emoções na educação fazem importantes colocações diferenciando as emoções das crianças das emoções dos adultos.

Nesse sentido, Fávero (2005) faz uma reflexão dos grandes teóricos do desenvolvimento infantil, e lembra que Piaget rejeita o dualismo entre inteligência e afetividade, por acreditar que o ser humano é um ser ativo, que constrói a lógica de sua aprendizagem diferenciando-se do adulto, acreditando por fim que o método de ensino deve ser coerente com a sua capacidade. Já para Walon, as emoções se desenvolvem como um sistema funcional que se intercala entre o automatismo instintivo e as representações do pensamento abstrato, servindo de suporte nos processos iniciais do desenvolvimento, passando posteriormente a um papel social. A natureza primitiva das emoções é a atitude que pode preparar ou suspender os automatismos do pensamento.

A autora complementa com os conceitos de Vygotsky de que as emoções têm um conteúdo e se expressam no contexto. Portanto, no contexto escolar as emoções se fazem presentes e são carregadas de significados e conteúdos emocionais.

Vygotsky, (conforme citado por Arantes 2003) considera que as emoções dos adultos se diferem das emoções da criança, sendo necessário tentar compreender a transição das emoções infantis para as experiências emocionais dos adultos. A qualidade das emoções sofre mudanças à medida que o conhecimento conceitual e o processo cognitivo da criança se desenvolvem.

Como vimos, há muito tempo se estuda o componente afetivo na relação ensino aprendizagem, negar este componente é o mesmo que desconsiderar todos estes grandes pensadores do desenvolvimento infantil.

Diante de tudo isso, podemos concluir que a aprendizagem não pode ser entendida e avaliada somente como um constructo de aprendizagem, ela está carregada de significados, valores e afetos, sendo concretizada pelas experiências. E, é aí, neste ínterim, que o professor necessita entender a importância de seu papel. A forma que planeja o ensino; trazendo os recursos necessários; fazendo o aluno entender que a aprendizagem está no mundo e não em sala; trazendo os aspectos de suas vivências e experiências; fomentando a troca e, valorizando a individualidade de cada um,

desmistifica a aprendizagem como uma obrigação sem sentido, mas como uma tarefa determinante para o futuro da sociedade.

Apesar de o sistema educacional focar geralmente mais o aspecto cognitivo do que o aspecto afetivo na aprendizagem não se pode esquecer que este último é parte integrante no desenvolvimento humano. A emoção é o elo que permeia as nossas relações em todos os sentidos, nos diferenciando de outros animais que habitam nosso planeta. É a emoção que nos impulsiona a ação, que nos motiva ou desmotiva, que nos faz acreditar que somos capazes mesmo diante dos erros. Chacón (2003) considera que a grandeza afetiva do indivíduo determina a qualidade da aprendizagem, ela inclui uma extensa categoria de sentimentos e humores, assim como crenças, atitudes e valores, interesses, impulsos e tendências, considera pertinente não só aprofundar-se cada vez mais nas exigências cognitivas para a aprendizagem, mas também, e especialmente, nas exigências afetivas, incluindo na dimensão afetiva, sentimentos e estados de ânimo, crenças, atitudes e valores.

Em sala de aula, o professor pode utilizar a emoção como componente positivo na aprendizagem e desenvolver vínculos favoráveis, pois é no âmbito das relações duais que as emoções desempenham papéis essenciais, portanto o fenômeno do afeto ou das emoções adquire grande relevância no contexto escolar. O que estabelece vínculo entre os professores e alunos não são os conteúdos e sim a relação estabelecida entre eles. Se não houver respeito e reconhecimento dos valores sociais que diferem seus alunos dificilmente o professor vai construir uma amizade e compreensão que possa colaborar com o desenvolvimento da aprendizagem, o que o aluno aprende está diretamente ligado com o relacionamento que existe entre ambos. Quando os professores e alunos estiverem em ambiente harmônico, trabalhando em conjunto, cria-se um novo sentido ao aprender e ao ensinar.

Diante do exposto retomamos Fernandes (1991) que reforça:

“[...] ao educador não deveria bastar-lhe que seu aluno faça bem as multiplicações e divisões, ou responda a uma avaliação. Existe um sinal inconfundível para direcionar a ortopedia da aprendizagem: o prazer do aluno quando consegue uma resposta” (p.59).

Descobrir o ponto essencial que liga o cognitivo e o emocional, não é possível, pois concluímos que esta ligação tem muitas facetas. Não existe um único elemento que possa explicar esta relação, portanto muitos elementos devem ser considerados. Fávero (2005) relata que uma intrínseca articulação entre a psicologia social, educacional e desenvolvimental mostram que a aprendizagem e o funcionamento cognitivo estão inseridos numa matriz social complexa. E continua fazendo uma análise na qual o professor e aluno interagem com suas histórias acadêmicas, com sua relação particular com a área de conhecimento em questão, suas experiências e representações sociais.

A escolha da disciplina de matemática para realizar a pesquisa, contempla o fato de tal disciplina ser culturalmente a que mais causa impacto emocional. Segundo Chacón (2003) a matemática é uma ciência intensamente dinâmica e para ter um bom resultado é necessário o professor apresentar de forma concreta, modelos e situações que permitam aos alunos serem liberados de suas crenças limitativas em relação à aprendizagem e incorporar novas experiências, utilizando a emoção e afeto como fator colaborador no conhecimento da matemática.

Refletir o impacto que a emoção causa na aprendizagem de matemática é de profunda relevância, uma vez que culturalmente associa-se à disciplina uma alta carga de complexidade, devido a esta crença perde-se neste processo uma possibilidade de aprendizagem com mais leveza e prazer.

Com base no que foi acima descrito, propomos um método de intervenção que considere a observação *in loco* durante o ensino em sala de aula de matemática e entrevista com os alunos e professor.

III/ Método de Intervenção

O método de intervenção psicopedagógica tem sido muito usado nas pesquisas em Educação Matemática. Muitos destacam seu valor para a mudança de práticas e para o desenvolvimento de novas competências. O estudo de Pina Neves (2008), por exemplo, faz uso do método descrito por Fávero (2005a) tendo como objetivo o desenvolvimento de competências junto a alunos e professores da Educação Básica.

Algumas considerações importantes embasam nosso estudo. A primeira delas, concordando com o estudo citado acima, é que a educação formal compactua com a ideia de conhecimento pronto e acabado, o qual não considera o desenvolvimento psicológico como algo que permeia as relações. Entende-se neste sentido que tudo o que se desvia do esperado é visto como algo negativo, o aluno é um ser passivo, que adquire o conhecimento que lhe é passado.

Pina Neves (2008) relata que as pesquisas têm priorizado estudos ora com professores, ora com alunos, preferencialmente das séries iniciais, pouco são os estudos que congregam pedagogos e licenciados. Constatou também a dificuldade de profissionais da educação em analisar as notações dos alunos para identificar as suas dificuldades.

Diante desta premissa determinista, não há espaço para o conhecimento construtivista, considerando os sujeitos promotores do seu próprio desenvolvimento, um ser ativo. Fávero (2011) defende uma articulação teórico-metodológica que considera a situação interacional, a análise dos atos da fala e a tomada de consciência no sentido desenvolvimental piagetiano. Para esta autora é necessário analisar os atos das falas na interação, pois assim evidencia-se a tomada de consciência e os processos de regulação que permeiam este intercâmbio.

Entendemos assim que um estudo que privilegia a intervenção em sala de aula com a observação *in loco* possa colaborar com a premissa de trazer a consciência o sentido das queixas dos alunos e do professor em lidar com os conceitos matemáticos e, de modo especial, avaliar como a afetividade tem sido entendida por alunos e professores nesse processo.

Logo, foi a partir desses entendimentos que adotamos a intervenção psicopedagógica contemplando a análise de ações, falas e sentimentos dos alunos e do professor, e intervindo em prol da tomada de consciência dos alicerces que sustentam a prática docente do professor, em especial, o modo que relaciona mediação e afetividade.

3.1/ Sujeito(s) e/ou Instituição

Participaram deste estudo, um professor licenciado em matemática há seis anos, com idade de 30 anos, que atua em uma Escola Particular do Distrito Federal, formalmente trabalha como professor há quatro anos e não tem especialização na área. E 42 alunos sendo 15 do sexo feminino e 27 do sexo masculino com idades entre 13 e 15 anos, que cursam o oitavo ano do ensino fundamental na escola acima citada.

A instituição escolhida é uma escola particular de Educação Básica, de médio porte, situada no setor central do Distrito Federal, atende prioritariamente filhos da classe média.

3.2 Procedimentos

Para a realização deste trabalho foi considerada importante uma atuação em que vários aspectos poderiam ser observados, a aula em si, a percepção dos alunos e a percepção do professor sobre a aprendizagem da matemática. Foi realizado em duas fases, inicialmente foram realizadas três observações em sala durante a aula de matemática. Posteriormente foram realizadas três entrevistas, sendo uma com um grupo de alunos escolhidos pelo professor e duas entrevista com o professor.

Para a coleta de dados utilizamos os instrumentos: papel e caneta para registrar as observações em sala de aula, questionário semi estruturado e registro de áudio nas entrevistas com os alunos e professor.

O primeiro passo para realizar está pesquisa foi entrar em contato com a direção da escola sugerida. Na ocasião, apresentamos a proposta à direção e à coordenação e pontuamos que ela seria importante para instaurar/fortalecer na instituição a pesquisa educacional. Além disso, solicitamos autorização do professor para observação em sala de aula.

Na primeira observação, o professor fez uma revisão para a prova que ocorreria na próxima semana, esta observação teve duração de uma hora e trinta minutos. As outras duas observações foram realizadas enquanto o professor intermediava novos conteúdos e tiveram tempos variados, a segunda teve duração de uma hora e trinta minutos e a terceira sessão de uma hora e dez minutos.

O ambiente da sala de aula é ventilado e com iluminação natural, o professor fica sob um tablado com patamar de altura superior aos dos alunos. Há na sala um aparelho de ar condicionado, quadro branco, uma mesa e uma cadeira no centro da sala utilizada pelo professor.

O procedimento adotado foi fundamental para entender o funcionamento e a forma que o professor desenvolvia os conteúdos e a forma que os alunos adquirem este conhecimento. Estando em questão, portanto dois tipos de observação: a observação do professor em momento de aula e dos alunos em momento de aquisição de conhecimento.

A coleta dos dados em campo foi realizada pela pesquisadora orientanda.

IV/ A observação Psicopedagógica

4.1/ Observação Psicopedagógica

4.1.1 Primeira sessão

A primeira sessão de observação foi realizada no dia 23 de setembro de 2011 na sala de aula número oito da instituição acima citada durante a aula de matemática com duração de 1 hora e trinta e cinco minutos. Participaram da observação os 42 alunos descritos anteriormente. A aula observada foi ministrada pelo professor C caracterizado no item anterior.

Objetivos

Avaliar aspectos afetivos relacionados à aprendizagem da matemática;

Avaliar os modos de aquisição conceitual desenvolvidos pelos alunos a partir da mediação do professor.

Resultados

Inicialmente o professor apresentou-me aos alunos e falou brevemente os motivos da minha presença. Sentei-me em uma cadeira no fundo da sala com caderno e

caneta para anotação. Tive visão dos alunos que estavam sentados em cadeiras disponibilizadas em forma de “U”. O professor inicia a aula explicando que irá revisar os conteúdos que cairão na prova, disponibiliza-se a tirar todas as dúvidas. Alguns alunos fazem perguntas sobre a prova e reclamam dos conteúdos, outros levantam para pegar materiais emprestados dos colegas, conversam uns com os outros, pedem para ir ao banheiro, se distraem, não fazem o que o professor solicita. Fazem perguntas ao mesmo tempo de forma proposital e riem de forma irônica do professor que fica tentando responder a todos, e quando responde os alunos não prestam atenção.

O professor faz exercícios de revisão no quadro, explica como se faz, tira as dúvidas de quem não entendeu, procura atender a todos, pede silêncio várias vezes. Não sendo ouvido, ameaça fazer anotação em seu caderno, circula pela sala para tirar as dúvidas e olhar atividades realizadas por eles. Chama a atenção de uma aluna com aparelho celular. Anota o nome na lista de outra que ri para colega, alegando que ela está atrapalhando a aula. Solicita que alguns façam exercícios de revisão no quadro. O professor pede aos alunos quando pode fazer a prova, gerando polêmicas e confusões. Há uma pequena agitação com alguns alunos e o professor sai da sala para falar com eles, ao voltar pede que um aluno saia para o intervalo antecipadamente. O professor conversa em particular comigo e informa a situação do referido aluno que solicitou que saísse. Durante a minha observação à aula foi interrompida por diversas vezes, por pessoas que precisavam dar recados, falar com alunos, solicitar ajuda para campanhas etc. Em todos estes momentos os alunos ficam agitados, dificultando a continuidade das explicações.

4.1.2 Segunda sessão

A segunda sessão foi realizada no dia 30 de setembro de 2011 com todas as características de observação descritas na sessão anterior com duração de uma hora e trinta minutos.

Objetivos

Avaliar aspectos afetivos relacionados à aprendizagem da matemática;

Avaliar os modos de aquisição conceitual desenvolvidos pelos alunos a partir da mediação do professor.

Resultados

Do mesmo modo que na sessão anterior, sentei-me em uma cadeira no fundo da sala com caderno e caneta para anotação. Neste dia a aula inicia-se com um problema devido à falta de cadeira o que é imediatamente providenciado pelo professor. Os alunos estão agitados, levantam, conversam, interrompem a aula, pedem para ir ao banheiro, riem, brincam, jogam coisas uns nos outros, não prestam atenção nas explicações. Uma aluna passa todo o tempo fazendo atividade da disciplina de história e não presta atenção nas explicações, quando o professor muda de tópico e pergunta se todos entenderam. Ela diz que não entendeu e o professor inicia novamente a explicação. Enquanto o professor explica a matéria novamente os colegas se dispersam, esta mesma aluna repete este mesmo comportamento várias vezes durante a aula.

Há um desentendimento entre dois alunos que discutem, pois um deles, que senta na parte de trás, não enxerga o que o professor está escrevendo no quadro, o professor tenta acalmar os dois em conversa particular. Um conflito é gerado por uma aluna que chama o colega de Avatar, causando risos, o professor pede respeito. Alguns alunos reclamam que o ar condicionado está desligado e pedem para ligar. Um novo conflito é causado, pois tem alunos que são alérgicos e pedem para abrir a porta para ventilar.

O professor explica o conteúdo novo, irão estudar triângulos quadriláteros e polígonos, e diz que agora as coisas serão mais fáceis. Realiza explicações no quadro desenha triângulos e explica como calcular área interna. Em cada novo desenho, explica como fazer para encontrar as medidas, mostra as possibilidades e solicita que os alunos criem os conceitos mais adequados para cada exemplo, neste momento os alunos se agitam e se distraem tentando copiar o conceito criado pelo colega, ele chama a atenção e pede silêncio. Alguns alunos dizem que as nomenclaturas são muito difíceis e pedem se não teria outra forma de falar, o professor explica que não, pois eles irão estudar com esta mesma nomenclatura no futuro e é preciso aprender desta forma. Alguns alunos se

mostram irritados por não entender porque precisam saber os conteúdos propostos, não acreditam que iram se úteis em suas vidas, portanto não tem importância.

Todas as vezes que o professor é solicitado para explicar novamente ele explica de forma tranquila. Um aluno fala sobre dúvida de um exercício do livro o professor responde que “às vezes o livro mistura as coisas, aí eu prefiro assim”.

O professor faz algumas brincadeiras e ri com os alunos. Em seguida fica irritado com as brincadeiras e reclama, ameaçando anotar em seu caderno, pede para os alunos “jogar limpo”. Solicita que os alunos façam alguns exercícios do livro correspondentes à matéria dada, dá um tempo para a realização destes avisando que irá verificar se os alunos fizeram. No final desiste de verificar os exercícios e faz o momento de piadas.

4.1.3 Terceira sessão

A terceira sessão foi realizada no dia 07 de outubro de 2011 com duração de 1 hora e 10 minutos. Todas as características das observações anteriores foram preservadas do mesmo modo que na sessão anterior.

Objetivos

Avaliar aspectos afetivos relacionados à aprendizagem da matemática;

Avaliar os modos de aquisição conceitual desenvolvidos pelos alunos a partir da mediação do professor.

Resultados

O professor entra em sala e aguarda silêncio e da mesma forma que nas sessões anteriores observo que os alunos estão muito agitados e demoram em atender a solicitação do professor, brincam, riem, se levantam, se dispersam uns com outros. Falam ao mesmo tempo, fazem perguntas. Em alguns momentos ficam em silêncio, prestam atenção, demonstram interesse e fazem o que o professor solicita. Observo que uma aluna dorme durante toda a aula e outra ouve música.

Professor faz exercícios de cevianas notáveis no quadro, diz que os alunos acompanhem no livro, explica, dá exemplos, desenha no quadro, calcula, mostra como se faz, pede que os alunos construam os conceitos do que ele explicou, alguns leem o conceito que fizeram para os outros. Professor diz que passará trabalho e que eles terão que fazer no computador, dá instruções para os alunos que terão que formar grupos. Pede que os alunos façam os exercícios do livro referentes a matéria dada e aguarda em sua mesa enquanto faz algumas anotações.

V/ Discussão geral sobre das sessões de observação psicopedagógica

Durante todas as sessões observadas, os alunos se dispersaram, conversaram, levantaram das cadeiras, saíram da sala, fizeram piadas uns com os outros. Em outros momentos se mostraram atentos e interessados.

O professor fez algumas piadas, riu e descontraiu a classe em meio às suas explicações e condução da aula, mostrou-se alegre e disponível em vários momentos, demonstrou ter interesse que os alunos aprendam de forma eficaz. Ficou impaciente durante outros momentos, fazendo anotações de alunos em uma agenda ou diário, causando grande descontentamento em todos os alunos que reclamaram e se justificaram. A aula foi interrompida em vários momentos, pelos alunos, pelo professor e por terceiros que entraram em sala para dar recados.

De modo geral observamos que a forma como o professor conduz a aula deixa os alunos inseguros, alterados, desmotivados e confusos. Em alguns momentos é exigente em outros é permissivo, não admitia que eles rissem e depois fazia “gracinhas” provocando risos. O professor pode estar neste momento promovendo um momento de descontração, mas para os alunos as suas colocações são contraditórias. O professor aparenta querer que os alunos participem de forma ativa da sua aula ao perguntar a eles qual o dia que gostariam de fazer a prova, mas neste momento passa a autonomia de decisões aos alunos, demonstrando que não é ele que tem o domínio de sala. Alunos não têm maturidade para decisões importantes ao que concerne ao mundo de adultos. Desta forma cria polêmica, promove um descontentamento geral, pois no final é ele quem decide, não tendo fundamento o seu objetivo primeiro.

Quanto à disciplina, o professor ao mesmo tempo em que exige uma postura ele mesmo não as têm. Os alunos fazem o que querem e o professor não tem argumentos para manter uma dinâmica adequada para o aprendizado. A única ferramenta que possui é a anotação, o que parece ser assustador para alguns pelas consequências que se têm na família e a perda de pontos na média. Esta atitude de ameaça não promove uma melhor disciplina, gera efeito contrário, eles ficam muito insatisfeitos, pois ora ele se utiliza deste método e ora não.

O professor não tem consistência em suas ordens, cobra de uns e não de outros, não consegue manter a turma atenta devido a sua instabilidade no método, mostra-se inseguro nas respostas, cobra dos alunos um comportamento que não tem.

Na grande maioria das vezes faz perguntas a todos sem direcionar. Quando está explicando não consegue terminar o raciocínio sem ser interrompido, dificultando desta forma a compreensão dos conceitos abordados, o que cria a sensação de que tais conceitos são mais complexos do que são de fato. Quando anda pela sala para verificar as atividades dos alunos não se detém, parecendo que olha superficialmente, sem verificar de fato se as atividades estão corretas e se foram realizadas.

Em relação aos alunos, observamos que se distraem com facilidade, conversam muito e ao mesmo tempo. Mandam mensagens pelo celular de forma a esconder do professor, jogam papéis uns nos outros, riem do que o professor fala de forma irônica, parece que todos combinam de chamar o professor ao mesmo tempo para ver seu embaraço e riem entre eles do efeito. Em outras palavras, mostram-se desinteressados e agitados diante da aula.

Tendo como objetivo geral os aspectos emocionais e afetivos envolvidos na aprendizagem da matemática e diante das situações observadas, optamos por realizar a intervenção psicopedagógica com o professor, entendendo assim como Fernandes (1991) que a estrutura de base genética vai se construindo e interligando com o desejo presente na construção de sua história. Sendo assim, o ser humano é um constante construtor de desenvolvimento cognitivo e afetivo não sendo possível que a aprendizagem ocorra de forma satisfatória sem que os dois aspectos sejam constantemente reconhecidos e estimulados. Como também, discute Chacón (2003) que

o educador precisa ter consciência da tensão que é produzida no estudante no momento da construção do contexto e que este está estreitamente relacionado à sua experiência pessoal.

VI/ A intervenção psicopedagógica

6.1 As Sessões de Intervenção

6.1.1 Primeira Sessão

A entrevista foi realizada em 14 de outubro de 2011, na sala de auxílio da escola. Neste momento foi utilizado gravador para coletar os dados. Disponibilizamos as cadeiras em forma circular. Nesta entrevista com adolescente procurei usar uma linguagem mais informal.

Objetivo

Avaliar a percepção dos alunos sobre o método adotado pelo professor em sala de aula;

Coletar através de entrevista semi estruturada, a percepção dos alunos da disciplina e do professor e qual a problemática envolvida neste processo.

Resultados

Os resultados pontuados neste item foram organizados de modo a privilegiar os acontecimentos vivenciados, tendo como foco socializar as falas dos alunos e as mediações da pesquisadora.

Iniciamos a sessão, propondo aos alunos que avaliassem a turma deles. *P: Bom gente olha, primeiro, eu queria saber o que vocês acham da turma de vocês?* Muitas falas foram pronunciadas e de modo geral elas avaliam o comportamento da turma como: *L: “bagunçeira”*. Muitos mostraram-se incomodados com tal avaliação e pronunciaram: *L: É, mais tem gente que presta atenção!* Procuramos saber se este comportamento se dá somente na aula de matemática. *P: Está bagunça é só na aula do professor C? Ou é em todas as matérias?* Reconhecem que em outras disciplinas o

comportamento se repete. *D: Não, em outras também tem bagunça! Mas na dele é a mais cansativa, são dois horários. É muito chato!*

Abordamos os alunos para saber quais são as percepções que têm em relação ao professor. *P: Então vamos lá, o que vocês acham do professor C? A grande maioria tem uma percepção negativa. D: Ele pega demais onde não precisa, ele diz que a gente tem que pedir pra ir ao lixeiro, pra quê? G: É tipo, a gente olha pro outro, ele já anota. Ele é chato! R: É! E a aula dele é chata! L: A gente perde ponto e vai pro site, os pais ficam sabendo. Ele é muito chato! A gente perde, tipo assim, 0,7 cada vez.*

Procuramos saber se existia coerência entre as falas e as ações do professor. *P: Então ele exige muito e dá muito conteúdo e depois nem cobra a matéria? Os alunos constatam que existe uma diferença entre o que o professor faz e o que ele fala. S: É! E aí, dá na prova V ou F. G: Ele diz: quem não está satisfeito sai de minha aula. Aí a gente fala: posso sair professor? Ele diz: não!*

No que concerne às tentativas dos alunos de fazer algumas mudanças para mudar a dinâmica, investigamos o que poderia ser feito diferente. *P: Vamos fazer de conta que vocês poderiam chegar para ele e falar como é que ele teria que ser pra ser legal, vocês teriam este poder. O que vocês iriam pedir? Os alunos demonstram que não é possível uma mudança, pois já tentaram fazer diferente. D: A gente já perdeu uma aula, a turma toda, e ele disse: Tá, vou fazer diferente! S: Toda aula ele inventa uma desculpa e não faz. L: A gente já tentou, ele diz: Amigo, são 42 alunos, não tem como. Tem que pedir pra ir pra lixeira. Procuramos saber os sentimentos que está conduta provoca nos alunos. P: E como é que vocês ficam quando isso acontece? R: É, a gente fala, a gente reclama, mas não adianta, a gente já fez um abaixo assinado, mas não muda nada. D: É, ele diz que não tem jeito, ele diz: Amigo vai reclamar na diretoria. Cara, ele é muito chato!*

Finalmente investigamos saber qual a possibilidade dos alunos fazerem algumas mudanças. *P: Vamos lá gente, até agora vocês falaram de um monte de coisas que o professor poderia fazer diferente, e o que vocês acham que a turma de vocês poderia fazer de diferente? Alguns respondem o que poderiam fazer para mudar. D: Ser menos bagunceiro. R: Prestar mais atenção, entender. L: É porque é difícil ser professor, né?*

6.1.2. Segunda Sessão

A entrevista foi realizada em 14 de outubro de 2011, na sala de auxílio da escola acima descrita. Neste momento foi utilizado gravador para coletar os dados.

Objetivo

Avaliar a percepção do professor sobre o método adotado por ele em sala de aula;

Coletar através de entrevista semi estruturada, a percepção do professor sobre forma de lecionar, sua percepção dos alunos e qual a problemática envolvida neste processo.

Resultados

Os resultados pontuados neste item foram organizados de modo a privilegiar os acontecimentos vivenciados tendo como foco socializar as falas do professor e as mediações da pesquisadora.

Inicialmente procuramos saber qual a percepção que o professor tem da turma. *P: Como é essa turma que você dá aula? O professor acompanha alguns alunos desde o sexto ano, tem uma visão de evolução da maior parte deles. C: De modo geral, ótima, eu dou aula pra esta turma desde o sexto ano. Então assim, está turma evoluiu bastante, então você tem alguns alunos que vieram de fora. Estes alunos que vieram de fora, de outras escolas, não vieram com a mesma motivação, com a mesma disposição dos que estão aqui desde o começo, [...] os alunos que eu acompanho desde o início, são alunos que gostam, realmente eles gostam, têm um potencial para desenvolver e assim eles conseguem acompanhar, [...] Agora a parte de comportamento, eu acho que eu não sei, mas acho que é um pouco de consequência desta falta de habilidade com matemática. Eles não adquiriram, né? Esta falta de motivação, você acaba que tira o foco, né? Brincar conversar.*

Investigamos a possibilidade dos alunos poder fazer diferente. *P: O que você acha que eles poderiam fazer para facilitar? O professor acredita que existe uma gama de comportamentos dos alunos que atrapalha o bom desenvolvimento. Recortamos*

algumas falas para exemplificar. C: *Você me perguntou, né? O que que eles podem fazer? Bem, eu não sei, sinceramente! O que eu acho que eles deveriam fazer é não levantar, na hora de falar pedir pra falar, [...] acho que é uma coisa que eles já perderam um pouco o hábito. O que eu acho que atrapalha um pouco também é o fato que a maioria dos professores não ter este padrão [...] eu pergunto pra eles: Será que vocês conseguem ficar vinte minutos concentrados? Porque isso na minha opinião é importante, eles não conseguem ficar aí concentrados.*

Procuramos saber se o comportamento dos alunos tem uma relação com a matemática. P: *Você acha assim, que a forma de comportamento destes alunos tem alguma coisa a ver por ser “a matemática”?* Porque a gente sabe que na matemática existe um grande tabu. Matemática já vem com um conceito de ser difícil, de ser complicada, ela tem este estigma. Você acredita que por ser matemática, que você leciona, existe esta diferença? O professor responde relacionando com outras disciplinas. C: *Eu acho que existe, sim! Eu já vi muitos alunos falarem: Eu não gosto de matemática porque tem que raciocinar, eu prefiro, por exemplo, ciências ou geografia, ou história, porque a gente entende ou decora, né? E a matemática muitas vezes não é assim, né? Você tem que ter um raciocínio, [...] matemática é muito lógico, tipo receita de bolo. Se você não entender o conceito e não entender as propriedades, como é que você vai fazer? Como é que você vai aplicar isso tudo na tua realidade?*

Procuramos entender se havia possibilidade de conduzir as aulas de outro modo. P: *Pra terminar então, o que você acha que poderia fazer diferente pra melhorar?* O professor acredita que é possível mudar. C: *Eu acho que eu poderia, eu não posso nem falar que é um obstáculo. Eu acho que de alguma forma a gente fica um pouco acomodado na profissão, sabe? Eu acho que poderia buscar recursos, uma extensão onde tem aplicações. Extensão tem na UNB, onde você pode descobrir o concreto, trabalhar com material concreto, desenvolver programas. Porque este programa que eu descobri, geogebra, é um programa que trabalha com geometria. Então você consegue resolver. É um programa que você consegue calcular área, volume, perímetro, ângulo, tudo no computador. É lógico! O aluno tem que ter a parte dele teórica e você vê que o aluno fixa muito ali, mas isso requer o quê? Que o professor busque a ferramenta, o professor tem que saber mexer em computador, o professor tem*

que disponibilizar um tempo na casa dele ou a escola tem que fornecer pra ele. Pra ele entender as ferramentas, as novas tecnologias.

6.1.3 Terceira Sessão

A entrevista foi realizada no consultório particular da orientanda em 05 de novembro de 2011. Neste momento foi utilizado gravador para coletar os dados.

Objetivos

Avaliar a percepção do professor sobre o método adotado por ele em sala de aula;

Coletar através de entrevista semi estruturada, a percepção do professor sobre forma de lecionar, sua percepção dos alunos e qual a problemática envolvida neste processo.

Resultados

Os resultados pontuados neste item foram organizados de modo a privilegiar os acontecimentos vivenciados tendo como foco, socializar as falas do professor, as mediações da pesquisadora. Neste momento também ouve uma devolutiva por parte da pesquisadora de suas percepções sobre as observações em sala.

Primeiramente procuramos saber a formação do professor. *P: Eu queria saber um pouco C, qual foi a sua formação? C: Bem, eu nunca tentei o vestibular na UnB. Eu sempre estudei em escola pública, né? E sempre achei que a minha formação acadêmica de ensino médio não era suficiente então nunca tentei, [...] eu não fiz para matemática. Minha primeira opção era informática e a segunda foi matemática. Como eu não passei para informática sobrou a segunda opção, [...] mas aí eu pensei, agora eu tenho que estudar! Me debrucei sobre os livros e fiz um curso bem feito, eu acredito que fiz um curso bem feito.*

Tentamos investigar as emoções envolvidas em sua atuação como professor. *P: Como é que você se sente hoje na sua profissão? Ao qual ele responde: C: Realização? Eu tô realizado, eu tô realizado profissionalmente. Não financeiramente, acho que está*

*muito longe de ser realizado. P: Então, você está dizendo que gosta de ser professor?
C: Eu gosto de ser professor.*

Investigamos como o professor faz suas avaliações. P: E a avaliação formal, como você faz suas avaliações? C: [...] eu acho que a preparação da prova é complicada, sabe? A gente sabe que a matemática é complexa demais [...] as minhas provas eu tento ponderar muita coisa na hora de preparar a minha prova. Eu acho que eu tenho que considerar a minha aula. Sabe, se eu faço um bom trabalho, se eu cobro muito dos alunos, eu acho que na mesma proporção eu tenho o direito de cobrar também na prova, sabe exigir mesmo deles. Bem por outro lado, eu tento avaliar os bons alunos, questões que os bons alunos farão nesta prova. Eu tenho que considerar também os alunos que têm dificuldades. Os alunos que, lógico! Eu não considero os alunos que não tem comprometimento, sabe? Eu não considero, eu descarto na hora de preparar aqueles que não prestam atenção na minha aula. Eu tiro por base tudo isso na hora de formular a minha prova.

VII/ Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica

Os dados coletados nas entrevistas evidenciam que os problemas centrais da turma são: a falta de comunicação adequada e a falta de motivação para aprender. Nas sessões de entrevista que realizamos com os alunos e com o professor, foi possível observar que professor e alunos têm visões contraditórias das dificuldades de aprendizagem e da harmonia em sala. Foi possível observar também que as aulas são cansativas e sem atrativos, o que desmotiva os alunos a aprender. A insatisfação gerada por pela falta de comunicação e pela falta de estímulos adequados, possivelmente dificulta a construção de um vínculo afetivo capaz de superar tais contradições.

Na percepção dos alunos o professor se atém a fatos que não tem relevância, como podemos observar na fala de D e R que reclamam que precisam pedir para ir a lixeira. *.D: Ele pega demais onde não precisa, ele diz que a gente tem que pedir pra ir ao lixeiro, pra quê? R: É tem que pedir pra ir pra lixeira, se não sai de sala, qualquer coisa ele anota.*

Neste momento os alunos podem entender como sendo algo desagradável tornando-se uma questão pessoal, para o professor é um questão de respeito e ordem na sala como podemos verificar neste trecho da entrevista, C: [...] *se a maioria tivesse consciência: Eu não posso fazer isso, porque, porque eu tô atrapalhando. Porque o simples fato de ir ao lixo, na minha opinião, atrapalha, [...] e aí eu vou perder o foco com você. E, muitas vezes, eles não entendem está parte da concentração.*

Para o professor a concentração dos alunos é de fundamental importância para o aprendizado da matemática, mas não percebe que para o aluno ter concentração é necessário que o interesse em aprender seja despertado, que as aulas sejam prazerosas, com atividades que considerem o aprendizado e o desejo de aprender. Quando o professor cria regras e polêmicas sobre assuntos irrelevantes, como a necessidade de pedir autorização para ir ao lixo, há uma controvérsia, pois o fato de ocorrer uma discussão toda vez que um aluno se levanta para ir ao lixo sem pedir, ou mesmo se ele interromper a aula para pedir autorização, neste momento também ocorre uma distração. Para o aluno o que fica é uma percepção negativa do professor atingindo a emoção do aluno, e possivelmente, afetando o seu desempenho.

Em muitos momentos observamos que os alunos estão confusos, inseguros não sabem ao certo como fazer para ter um desempenho adequado, existe uma contradição entre a fala do professor e as suas ações. Em alguns momentos ele fala para os alunos que não podem brincar em sala, mas em outros momentos ele mesmo faz algumas “piadinhas”. Deixa claro que não há como ter um diálogo. Na percepção deles falta coerência em suas atitudes. Observamos nestas falas dos alunos a insatisfação e descrédito que eles têm da pessoa do professor, e não da disciplina de matemática: [...] *Ele diz: amigo o que tá rindo na minha aula, não pode rir na minha aula. Ele é chato! Não vê e do nada ele anota. [...] É, e ele diz que a se a gente não gosta tem que reclamar na diretoria. [...] Porque a aula dele é cansativa e toda aula sai alguém da sala.[...] Tipo, eu já fui anotado porque fui na lixeira e esqueci de pedir.[...] A gente já perdeu uma aula, a turma toda, e ele disse: Tá, vou fazer diferente! [...] Toda aula ele inventa uma desculpa e não faz. [...] A gente já tentou, ele diz: Amigo são 42 alunos não tem como. Tem que pedir pra ir pra lixeira.*

No momento que o professor transfere à direção as possibilidades de mudança, ele mesmo não percebe a mensagem implícita nesta ação. Para os alunos ele não tem poder de decisão, não pode fazer diferente e, transfere a responsabilidade para setor superior.

Observamos nas falas abaixo, o que os alunos pensam em relação à matemática: *[...] Têm uns nomes muito difíceis, monômio, cateto, hipotenusa. Isso é complicado a gente saber. A gente não sabe pra que a gente tem que aprender estas coisas. [...] Explicar a matéria ele explica bem. Tipo, ele deveria mostrar como se usa na vida real, por exemplo, a hipotenusa para que quê serve isso na vida real? Tipo, o físico usou para fazer triângulos perfeitos. Tipo, se ele explicasse assim. [...] Pois é, tipo assim, a gente quando aprendeu fração, levamos palitos de picolé, as aulas ficaram muito mais divertidas.[...] Monômios é uma coisa muito inútil, por exemplo, muito sem noção.* Para o professor é necessário que os alunos entendam os fundamentos matemáticos para poder aplicar na vida adulta: *[...] Matemática é muito lógico, tipo receita de bolo, se você não entender o conceito e não entender as propriedades, como é que você vai fazer, como é que você vai aplicar isso tudo na tua realidade?[...] E muitas vezes o aluno pergunta professor porque você complica? Eles falam isso, porque eles transferem esta responsabilidade pra mim, eu acho que está um pouco certo também, matemática tem muito disso.*

As questões pertinentes para os alunos das necessidades de saber a finalidade da aprendizagem de matemática são fortalecidas pela visão de Chacón (2003) que fala: “Em relação à crença dos alunos sobre a aprendizagem na matemática, a disciplina tem que ter uma finalidade informativa, uma finalidade prática que permita sua aplicação em outros âmbitos”.

VIII/ Consideração finais

Nas observações realizadas foi possível identificar que os conflitos interpessoais abertos em sala de aula, a dinâmica de funcionamento da instituição e a postura do professor diante dos conflitos, faz com que os alunos se sintam desmotivados e

desinteressados na disciplina, causando um prejuízo de valores e crenças na aprendizagem da matemática.

Os resultados evidenciados não permitem uma conclusão dos aspectos negativos ou positivos entre afetividade e aprendizagem em matemática, uma vez que a representatividade estatística dos dados é escassa para tal. Outro fator a se considerar foi a impossibilidade de fazer novas observações após as intervenções psicopedagógicas, para avaliar se as sugestões dadas pela orientanda foram pertinentes.

Acreditamos que uma intervenção psicopedagógica que alie observações em sala, com um olhar pra os processos presentes na dinâmica acadêmica, com uma intervenção por um período mais longo possa surtir efeitos benéficos na vida dos alunos, assim retomamos Chacón (2003) que considera:

“Uma pessoa alfabetizada emocionalmente em matemática é aquela que desenvolve sua inteligência emocional nesse contexto, que conseguiu uma forma de interagir com esse âmbito e que considera muito os sentimentos e as emoções próprias e alheiras. A alfabetização emocional engloba habilidades tais como: controle dos impulsos e das fobias em relação à disciplina, autoconsciência. Motivação, entusiasmo, perseverança, empatia, agilidade mental.” (p.30).

É preciso repensar a formação dos professores, compreender que, para que ele desempenhe com sucesso sua profissão é necessário que ele entenda de desenvolvimento infantil e emocional, pois o saber teórico não é suficiente para garantir o seu desempenho em sala. Concluímos que a formação do professor pode não ter sido suficiente para que ele construa um saber pautado na esfera afetiva e desenvolvimental prejudicando o seu desempenho em sala.

Concordamos com Cruz e Pina Neves (2010) que entendem que o professor de matemática precisa mediar aprendizagem e não transmitir ideias prontas e acabadas. Acreditamos que é necessário criar formas de mediações mais coerentes com o desenvolvimento dos adolescentes, pois eles não percebem a lógica presente em sala da mesma forma que o professor. Para o professor a matemática é uma *receita de bolo*, para os alunos é algo complexo e necessita de mediações adequadas pertinentes a fase de desenvolvimento que estes jovens se encontram. Acreditamos que é por meio das

análises das percepções dos alunos e dos professores que seja possível chegarem a uma relação mais agradável e eficaz em sala de aula.

IX/ Referências Bibliográficas

Arantes, V, A, (2003) *Afetividade na escola: alternativas teóricas e praticas*. São Paulo, Editora: Summus, Edição: 3ª.

Brasil, (1997) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>.
Pesquisado em 10/11/2011

Camargo, D,(2004) *As Emoções & a escola*. Curitiba. Editora: Travessa dos Editores.

Chacón, I, M, G,(2003) *Matemática Emocional: os afetos na aprendizagem da matemática*. Porto Alegre. Editora: Artmed.

Cruz, M,R, S, ; PINA NEVES, R. S. . *Uma análise dos afetos, das atitudes e da prática docente em matemática, a partir das falas de estudantes do nono ano do Ensino Fundamental*. In: X Encontro Nacional de Educação Matemática, 2010, Salvador. Anais do X Encontro Nacional de Educação Matemática ISSN 2178-034X, 2010.

Fávero, M, H, (2011) *A pesquisa de intervenção na psicologia da educação matemática: aspectos conceituais e metodológicos*, Educar em Revista, Curitiba, Editora UFPR.

Fávero, M, H, (2005) *Psicologia e Conhecimento: subsídios da psicologia do desenvolvimento para a análise de ensinar e aprender*, Brasília, Editora Universidade de Brasília.

Fernandes, A, (1991) *A Inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*, Porto Alegre: Artmed.

Miechuanki, D, C, & Carvalho, A, M, F, T,. (2008). Algumas considerações sobre o erro e a afetividade durante a aprendizagem e matemática. Retirado em 15/11/2011, de <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2405-8.pdf>

Pina Neves, R. da S (2008). *A divisão e os números racionais: uma pesquisa de intervenção psicopedagógica sobre o desenvolvimento de competências conceituais de alunos e professores*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.

Zorzi, J, L,. (2003) *Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais*, Porto Alegre, Editora Artmed.

X/ Apendice A

Transcrições de entrevistas
Entrevista realizada com os alunos
1ª sessão 14/10/2011
P – Bom gente olha, primeiro eu queria saber o que vocês acham da turma de vocês?
L – Bagunceira.
R – É bagunceira.
L – É, mas tem uma parte que presta atenção.
P – O pessoal mais bagunça do que presta atenção?
M – É.
S – É que tem muitas pessoas que têm problemas.
P – É? Têm muitas pessoas que têm problemas? O que é o problema que as pessoas têm? Vocês sabem?
G – É têm uns que são autistas né, o R que tem Down.
R – Não ele não é Down, é aquela outra doença parecida com Down, não lembro o nome.
P – É porque tem outra síndrome que é muita parecida com a Down né.
S – É tem vários alunos.
P – Então vocês acreditam que por causa disso a sala de vocês é bagunceira?
A – Não. A turma tinha que ter mais respeito e consideração com as pessoas.
P – Está bagunça é só na aula do professor C? Ou é em todas as matérias?
D – Não, em outras também tem bagunça, mas na dele é a mais cansativa, são dois horários, é muito chato!
L – Tem também a aula de história, que todo mundo fica quieto.
P – Em história então a professora é mais exigente?
S – É, mas ela é legal, ela é exigente e a turma fica quieta, mas é que ela é legal também, no primeiro dia de aula foi só um discurso de como ela ia fazer com o nosso pescoço (risos).
P – Então foi um terror?
L – Foi, mas ela é massa também, super massa, ela é exigente, mas é legal.

P – Sério? Então vocês gostaria que o professor fosse assim, mais exigente com vocês?
D – É, ela é firme e alegre ao mesmo tempo, é a aula dela é divertida, a gente aprende.
P – Então vamos lá, o que vocês acham do professor C?
D – Ele pega demais onde não precisa, ele diz que a gente tem que pedir pra ir ao lixo, pra que? (grande confusão todos falam ao mesmo tempo).
P – Galera vamos falar um de cada vez se não, não vou entender nada na gravação.
R – E tem que pedir pra ir pra lixeira, se não sai de sala, qualquer coisa ele anota.
G – É tipo a gente olha por outro ele já anota, ele é chato!
D – Ele diz: amigo o que tá rindo na minha aula, não pode rir na minha aula, ele é chato, não vê e do nada ele anota.
L – O bom do professor C. é que se a gente não entende, ele repete, repete, repete, o problema é que ele dá muita matéria num dia só.
D – Tipo na sala ele dá um monte, um monte de coisas, é muita matéria e dá um monte de exercícios, e na prova tipo assim ele, ele dá uns dez exercícios sendo que os outros professores dão quatro ou cinco, aí ele não cobra, dá muitos e depois não dá na prova!!
A – É, é muito mesmo, ele põe muito exercício e na hora dá prova dá um Verdadeiro ou Falso.
P – Então, ele exige muito e dá muito conteúdo e depois nem cobra a matéria?
S – É, e aí dá na prova V ou F.
P – E como é que vocês ficam quando isso acontece?
R – É a gente fala, a gente reclama, mas não adianta a gente já fez um abaixo assinado, mas não muda nada.
P – Sério? Vocês fizeram um abaixo assinado? Caramba!
D – É ele diz que não tem jeito, ele diz: amigo vai reclamar na diretoria, cara ele é muito chato!!!
P – Então além de ser uma matéria, que vocês estão dizendo que é difícil, cansativa, que exige que a gente raciocine se concentre e preste atenção, não é isso? Além disso, são duas aulas seguidas?
R – É e a aula dele é chata!
D – É e ele diz que a se a gente não gosta tem que reclamar na diretoria!
R – Porque a aula dele é cansativa e toda aula sai alguém da sala.
G – Ele diz: quem não está satisfeito sai de minha aula, aí a gente fala: posso sair professor? Ele diz: não.
S – Mas gente é que vocês tem que dizer: professor to cansando posso dar uma volta?

D – Ele diz: espera um pouco, a gente fala pra ele e ele não ouve.
L – A gente pede: professor posso beber água? Ele diz: espera um pouco.
M – Só uma coisa, ontem tipo eu fiquei meia hora pedindo: professor posso beber água? Ele diz: só um pouco, só um pouco, depois ele me tirou, eu não entendi por que!
D – Porque você me chamou para olhar pro J.
M – É?
L – Tipo eu já fui anotado porque fui na lixeira e esqueci de pedir.
P – Caramba, e o que acontece quando é anotado?
L – A gente perde ponto e vai pro site, os pais ficam sabendo. Ele é muito chato, a gente perde tipo assim 0,7 cada vez.
D – Tipo na aula de plantão ele me tirou, porque eu fiquei em pé, eu não tava fazendo nada, aí ele me olhou eu olhei pra ele e tipo assim, ele foi lá na direção e me deu uma suspensão, que é pra ficar cuidando das criancinhas.
P – A é? Tem este tipo de suspensão também é?
D – É, tem esta e a outra que é ficar sem vir pra aula.
P – E é ruim ficar cuidando das crianças?
G – Não é só ficar lá parado.
R – Ainda bem que o ano que vem não é mais ele, ele está com a gente desde a 6ª série.
S – A gente não tem mais ele, ainda bem.
P – Vamos fazer de conta que vocês poderiam chegar para ele e falar como é que ele teria que ser pra ser legal, vocês teriam este poder. O que vocês iriam pedir?
D – A gente já perdeu uma aula, a turma toda e ele disse: tá vou fazer diferente.
S – Toda aula ele inventa uma desculpa e não faz.
L – A gente já tentou, ele diz: amigo são 42 alunos não tem como. Tem que pedir pra ir pra lixeira.
G – Acho que ele devia deixar ir ao banheiro, só um de cada vez para não atrapalhar a aula dele.
D – Não tem que ser um, tem que ser dois (risos).
L – Ele é um professor legal, realmente a gente conta piada só na aula dele a gente conta, só que têm dias que ele não deixa, fala que não dá tempo, tem horas que a gente ri e brinca e tem horas que ele tipo assim não deixa, fica bravo.
P – Então ele oscila?

A – É ele é legal, mas só de vez em quando, bem de vez em quando.
L – Mas em compensação ele é o único professor que deixa a gente contar piada.
P – Vocês gostam do momento da piada no final então?
M – É às vezes a gente deita de rir no chão e ele não briga.
P – Como é que seria bom aprender matemática? Quem é que tem facilidade aqui?
R – Eu.
S – Eu.
P – Então se explicar direitinho vocês entendem na boa?
L – Têm uns nomes muito difíceis, monômio, cateto, hipotenusa isso é complicado a gente saber. A gente não sabe pra que a gente tem que aprender estas coisas.
D – Ele podia dar a aula de outro jeito, não sei, fazer mais coisas, coisas diferentes, não sei.
P – E você M o que você acha? Você tem facilidade ou dificuldade?
M – Dificuldade, pra mim é difícil.
P – E você A têm facilidade ou dificuldade?
A – Eu tenho dificuldade, mas depende da matéria eu aprendo com um pouco mais de facilidade. Eu não entendo a matemática.
P – Então vocês acham que se o professor ensinasse de outro jeito seria mais fácil. Como ele poderia ensinar para ficar mais fácil?
S – Explicar a matéria ele explica bem, tipo ele deveria mostrar como se usa na vida real, por exemplo, a hipotenusa para que que serve isso na vida real, a tipo o físico usou para fazer triângulos perfeitos, tipo se ele explicasse assim.
G – Pois é tipo assim a gente quando aprendeu fração, levamos palitos de picolé, as aulas ficaram muito mais divertidas.
L – Monômios é uma coisa muito inútil, por exemplo, muito sem noção.
P – Olha só, é bem provável que eu consiga fazer duas conversas com o professor de vocês, o que vocês gostariam que eu pudesse fazer para facilitar um pouco o entendimento de vocês?
S – Eu acho que ele poderia dar a matéria e explicar várias formas de fazer, uma mais fácil e outra mais difícil.
L – Se tiver né!
S – É se tiver outro jeito, e ele dar menos matéria no dia!
L – E prestasse mais atenção antes de anotar!
S – Dar mais chance praquele aluno, e falar: olha se fizer de novo vou te anotar, mas ele já chega e anota, nem conversa!

L – Uma coisa que eu não gosto nele é tipo assim, ele explica a matéria e fala, como é que é...tipo.
P – O Conceito?
L – É o conceito, eu não vou passar o conceito no quadro, o amigo você que tem que fazer, é a aí uma pessoa anota o conceito e tem que ficar falando pra todo mundo e aí fica todo mundo perguntando, como é que é mesmo? Como é que é mesmo?
D – Tipo assim, eu não sabia um conceito e aí eu peguei de um colega de outra turma e guardei o papel, no outro dia ele pegou o papel e falou: nada a ver, isso é igual colar na prova, igual plágio.
R – Pois é ele passou tipo duas matérias em duas aulas, e ainda passou atividade!
L – Na verdade ele passou três.
R – Porque ele não passou uma em cada dia? Ele tá mais preocupado em acabar a matéria, do que a gente aprender?
L – No finzinho ele passou polígonos.
D – Pois é ele passou um monte de matéria e agora ele vai ter que trabalhar mais porque ainda vai ter que fazer a prova de recuperação.
P – Vamos lá gente até agora vocês, falaram de um monte de coisas que o professor poderia fazer diferente, e o que vocês acham que a turma de vocês poderia fazer de diferente?
D – Ser menos bagunceiro.
R – Prestar mais atenção, entender.
L – É porque é difícil ser professor né.
P – Agora vou passar pra vocês o que eu observei nos três dias que eu estava aqui. Eu concordo com tudo o que vocês falaram, eu acho que às vezes ele fala uma coisa e depois fala outra, ele coloca algumas coisas para vocês que às vezes vocês não estão entendendo, passa rápido, mas uma coisa principal eu acho que a aula é muito interrompida, o que quê acontece quando a gente interrompe um raciocínio que está sendo construído? A gente tem que começar a construir ele de novo, tanto o professor quanto vocês, porque vamos pensar assim, se ele está no meio de uma explicação, e aí fica assim: professor, professor, ou alguém bate na porta o que quê acontece? Pra voltar onde você estava você perde um tempão e aí pode ser que neste momento ele tenha que dar um monte de matéria, porque não deu tempo adequado para dar a matéria de uma forma legal, o que vocês acham está certo ou tá errado o que eu estou falando?
Alguns respondem juntos – está certo.
P – Tá certo? Então talvez a gente conseguisse assim ó, porque tem uma coisa que é básica na matemática, que é “básico” mesmo, vocês têm que pegar aquele conceito, aquele entendimento, depois os exercícios de fixação é um pouco mais leve, mas o conceito na hora que ele está explicando matéria nova é importantíssimo que vocês parem para prestar atenção, porque aí fica mais fácil para vocês e pro professor, vocês acham que está certo isso? Vocês podem conversar um pouco com a turma e ver se é possível fazer isso né, porque na hora que ele está explicando vocês possam colaborar com ele para não interromper. O que vocês acham?
Todos - Todos concordam.
P - O que vocês acharam da nossa conversa? Querem falar mais alguma coisa?

Todos – Não, foi massa.
Agradeço a todos e me despeço.
Professor
Entrevista realizada em 14/10/2011
P – Como é essa turma que você dá aula?
C – Você está falando da parte pedagógica ou da parte de comportamento ou tudo?
P – Tudo de modo geral.
C – De modo geral, ótimo, eu dou aula pra esta turma desde o sexto ano, então assim está turma evoluiu bastante, então você tem alguns alunos que vieram de fora, estes alunos que vieram de fora de outras escolas, não vieram com a mesma motivação, com a mesma disposição dos que estão aqui desde o começo, talvez aqueles momentos que você estava em sala você tenha percebido que, até você comentou que: parece que têm alguns alunos que não gostam de matemática e tal, sim, se você for ver ali no detalhe você iria ver que são de fora, eu não sei por que deste fenômeno né, mas ele acontece. Agora os alunos que eu acompanho desde o início, são alunos que gostam, realmente eles gostam, têm um potencial para desenvolver e assim eles conseguem acompanhar, eles acompanham bastante a matéria, sabendo-se que cada ano que se passa, do sexto, sétimo e oitavo, mesmo eles que gostam, eles vão perdendo um pouco daquele estímulo, daquela vontade, do interesse né. Na matemática, não sei se é por conta do conteúdo, porque eu acho que o conteúdo é um pouco perverso com os alunos, muita matéria. Você chegou agora na parte da geometria, mas a gente estava vendo muita álgebra, muita letra, número, equação então isso desmotivou muito os alunos, vamos dizer assim que vinte por cento da turma não teve sucesso, vamos dizer a grosso modo fracassou e não conseguiu acompanhar e por consequência. Eu sempre falei: agora é geometria vai ser mais tranquilo e tal, e ainda tem boa parte que não tão conseguindo acompanhar, porque você tem que montar uma equação, você tem que montar um probleminha e tal e não tão conseguindo porque, porque a base foi o primeiro semestre e teve muita álgebra e tal e eles não acompanham. Agora a parte de comportamento eu acho que eu não sei, mas acho que é um pouco de consequência desta falta de habilidade com matemática eles não adquiriram né esta falta de motivação você acaba que tira o foco, né brincar conversar.
P – O que você acha que eles poderiam fazer para facilitar?
C – Eu penso o seguinte, eu já dei aula no colégio S e lá a gente era muito rigoroso, era bem tradicional, eu gostava de algumas coisas que aconteciam lá, o aluno não pode levantar, o aluno tem que pedir pra ir ao banheiro. Todo o começo de ano eles falam: professor porque eu tenho que pedir pra levantar, porque eu tenho que pedir pra falar, por que eu tenho que pedir pra fazer qualquer coisa? Ora a gente sabe que estes meninos aí recebem muita informação né, o cérebro deles é um filme passado em velocidade rápida, eles não conseguem controlar o raciocínio deles, o que eles conversaram ontem, fica passando aquele filme o dia todo, então você dá uma aula de 50 minutos, talvez 10 minutos eles consigam se concentrar, aí entra a parte de ter que se concentrar, bem ali é oitavo ano, se entra uma menina bonita que chama a atenção ora, se esta menina ficar levantando, que eu sei que isso acontece desta menina quer se mostrar, de querer andar na sala, ora eu tenho certeza que os meninos vão olhar então assim isso é uma das coisas que prejudica, se a maioria tivesse consciência, eu não posso fazer isso, porque, porque eu to atrapalhando, porque o simples fato de ir ao lixo na minha opinião atrapalha, então se ela passa eu vou olhar, e aí eu vou perder o foco com você, e muitas vezes eles não entendem está parte da concentração, eu falo pra eles, se vocês não entenderem uma parte da matemática, tudo bem o que eu quero é que vocês tenham foco no que estão fazendo. Eu pergunto pra eles: será que vocês conseguem ficar vinte minutos concentrados? Porque isso na minha opinião é importante, eles não conseguem ficar aí concentrados, eles estão aqui lendo fazendo atividade, daqui a pouco, é o filme né eles lembrar de uma história que aconteceu no intervalo e querem fazer um comentário ou alguma coisa que

aconteceu em casa, eles não conseguem controlar digamos assim o emocional deles né. Agora é aula de matemática, vou me concentrar na aula de matemática. Você me perguntou né, o que quê eles podem fazer, bem eu não sei, sinceramente, o que eu acho que eles deveriam fazer é não levantar, na hora de falar pedir pra falar, não sei o que acontece, é uma coisa absurda, no sexto ano eles pedem pra falar, pedem pra levantar, uma coisa fantástica, acho que é uma coisa que eles já perderam um pouco o hábito, o que eu acho que atrapalha um pouco também é o fato que a maioria dos professores não ter este padrão também, então o professor C é duro, isso corre na escola, o professor C é mais duro com os alunos, o professor C exige mais, o professor C é autoritário, bem em determinados dias, quando é aula do professor xis, depois é aula do professor C e você não pode fazer isso, você tem que pedir, você não pode, então assim enquanto um constrói alguns hábitos, outros não constroem. Eles usam o hábito de casa, ora eu tava dando aula aqui na terça, eu entrei na sala e a gente percebe na fisionomia dos alunos que eles estão agitados, corados, vermelhos, eles não estão em aula de educação física, neste dia eles saem todos agitados. O aluno deu bom dia, ele falou tão alto comigo, deu um grito, eu falei: perai vamos conversar lá fora, eu disse: amigo eu tenho certeza que você não faz isso nem na tua casa, nem na tua casa, presta atenção agora é o professor C que entrou na sala, ele ficou sem graça, ele pediu desculpa, mas eu não deixei ele entrar eu tirei de sala no primeiro minuto, ora eu to entrando em sala e o aluno me recebe deste jeito!

P – Então você acha que falta um pouco de respeito com o profissional?

C – Sim, eu acho sim, só que eu acho também essa coisa do respeito com o profissional né, eu acho que o profissional tem que se dar o respeito também sabe, eu acho que tem que se dar o respeito também, eu acho que a grande maioria dos professores, ou uma parte, não se dá o respeito, ou não sabe impor o respeito, não sabe, eu não tenho que falar em sala que eu sou o professor, eu não tenho que chegar em casa e dizer assim: ó eu sou seu pai você tem que me respeitar, a gente sabe que isso acontece, eu sou autoridade, eu sou um policial aqui, você tem que me respeitar, ora eu já to caracterizado, eu já to com o jaleco, o policial tá com a farda dele, você tá com seu crachá, ora você tem que se impor, eu penso assim que se a rainha tiver que falar que ela é rainha, ela não é rainha, ela tem postura de rainha, todo mundo vai respeitar, você não precisa falar que é isso, as pessoas te respeitam, eu acho que tem a parte de fora do aluno que não respeita o pai não respeita a mãe então quando ele chega aqui a gente tem que colocar ele no lugar dele, eu tenho que ter uma postura adequada pros alunos me respeitarem.

P – Você acha assim, que a forma de comportamento destes alunos tem alguma coisa haver por ser “a matemática”? Porque a gente sabe que na matemática existe um grande tabu. Matemática já vem com um conceito de ser difícil, de ser complicada, ela tem este estigma. Você acredita que por ser matemática que você leciona existe esta diferença?

C – Eu acho que existe sim, eu já vi muitos alunos falarem: eu não gosto de matemática porque tem que raciocinar, eu prefiro por exemplo, ciências, ou geografia, ou história, porque a gente entende ou decora né, e matemática muitas vezes não é assim né, você tem que ter um raciocínio, a matemática é um pouco injusta também sabe, se você não seguir um padrão. Matemática é muito lógico, tipo receita de bolo, se você não entender o conceito e não entender as propriedades, como é que você vai fazer, como é que você vai aplicar isso tudo na tua realidade? Você tem que sabe disso tudo, a gente estava falando de ângulo ali, gente constrói uma reta perpendicular, e aí o aluno me perguntou o que quê é uma reta perpendicular? Você fala, mas nem sempre ele entende.

P – Então existe uma linguagem difícil?

C – E muitas vezes o aluno pergunta professor porque você complica? Eles falam isso, porque eles transferem esta responsabilidade pra mim, eu acho que está um pouco certo também, matemática tem muito disso, se você pegar um doutor em mestrado e doutorado na UNB é um rigor, o rigor dele é altíssimo, talvez o meu rigor aqui não seja nem 10% do dele lá, e muitas vezes o aluno aqui não quer aprender esta linguagem, ele não sabe que uma reta perpendicular é que faz noventa graus, a gente tenta usar aqui um pouco do concreto também, mostra a parede, mostra que a parede faz um ângulo de noventa graus. Levei eles agora pro laboratório, eles estão usando um programa que eles constroem. (a entrevista é interrompida pela coordenadora que diz que está precisando do professor e pergunta se estamos terminando, pedimos mais uns três minutos).

P – Pra terminar então, o que você acha que poderia fazer diferente pra melhorar?

<p>C – Eu acho que eu poderia, eu não posso nem falar que é um obstáculo, eu acho que de alguma forma a gente fica um pouco acomodado na profissão sabe, eu acho que poderia buscar recursos, uma extensão onde tem aplicações, extensão tem na UNB, onde você pode descobrir o concreto, trabalhar com material concreto, desenvolver programas, porque este programa que eu descobri, geogebra, é um programa que trabalha com geometria, então você consegue resolver é um programa que você consegue calcular, área, volume, perímetro, ângulo, tudo no computador, é lógico o aluno tem que ter a parte dele teórica e você vê que o aluno fixa muito ali, mas isso requer o que? Que o professor busque a ferramenta, o professor tem que saber mexer em computador, o professor tem que disponibilizar um tempo na casa dele ou a escola tem que fornecer pra ele, pra ele entender as ferramentas, as novas tecnologias. No colégio S a gente usava o quadro digital, é uma caneta a gente risca lá tudinho, não tem lápis, não tem nada, você habilita o quadro, marca os pontos e faz o que você quiser. Não tem na televisão o cara aperta lá e vai aparecendo tudo? Deste jeito, você abre o computador que tem uma figura que eu quero usar eu abro aqui, jogo a figura e salvo ela na tela, eu não preciso desenhar a figura, a figura aparece pra mim, e a partir daquela figura eu posso pegar o meu pincel e fazer o que eu quiser, eu quero ampliar em 40% esta figura para os alunos ver eu posso, então assim eu acho que isso tudo é fantástico pro aluno, usar ferramentas, eu quero calcular o volume desta caixa, vamos colar um plástico, vamos colar água, para eles fazer a experiência.</p>
<p>P – Então você acha que está precisando trazer um pouco da matemática pro concreto?</p>
<p>C – Pra realidade, pra realidade do aluno.</p>
<p>P – Então vou te falar uma das coisas que os meninos falaram agora comigo foi isso, eles queriam entender pra que quê serve, eles disseram: eu gostaria de saber pra que quê eu preciso aprender isso? Eles não entendem que além de aprender a matemática, eles estão estimulando áreas do cérebro que são importantíssimas pro desenvolvimento deles, eles falaram pra mim, se eu soubesse pra que quê serve eu aprender isso talvez ficasse mais fácil eu aprender.</p>
<p>C – Entendi.</p>
<p>P – devido ao tempo já ter se esgotado pedi pra poder marcar mais uma sessão e poder conversar mais um pouco, ele me passou o telefone e ficamos de marcar um novo encontro, agradei e saímos.</p>
<p>Segunda Sessão</p>
<p>Entrevista realizada em 05/11/2011</p>
<p>P – Eu queria saber um pouco C, qual foi a sua formação?</p>
<p>C – Bem eu nunca tentei o vestibular na UNB, eu sempre estudei em escola pública né, e sempre achei que a minha formação acadêmica de ensino médio não era suficiente então nunca tentei, aí eu fiz na universidade católica de Brasília, eu não fiz para matemática minha primeira opção era informática e a segunda foi matemática, como eu não passei para informática sobrou a segunda opção, eu sabia que as duas estavam envolvidas com o que eu gostava que era matemática né, mas aí eu fiz matemática, fiz o curso na parte da tarde, como eu sabia que a UNB tinha muita mais qualidade, mas aí eu pensei agora eu tenho que estudar, me debrucei sobre os livros e fiz um curso bem feito, eu acredito que fiz um curso bem feito.</p>
<p>P – A católica é uma faculdade renomada e bem conceituada.</p>
<p>C – Com certeza e depende muito do aluno também né, a gente sabe que um aluno ali já tem maturidade para saber o que quer e o que não quer, e como eu gostava muito de matemática para mim foi muito tranquilo, apesar de ter colegas ali na base de 70 a 80 por cento que não gostavam do que estavam fazendo né, eu estava ali fazendo a minha parte, ficava três ou quatro horas estudando na biblioteca. A minha formação foi essa e daí você pode ver que eu não queria ser professor, eu queria fazer informática, eu não queria</p>

<p>fazer matemática, não queria ser professor, eu também não sabia como era o mercado de trabalho pra matemática, bem a gente hoje a gente sabe que 90 por cento esta com o pé dentro de sala de aula, então eu só fui resolver entrar em sala de aula mesmo no sexto, sétimo semestre que eu resolvi e fui amadurecendo a ideia de entrar em sala de aula e dar aula, então comecei a dar aulas particulares depois que formei, mas sempre querendo fazer um mestrado na UNB. Já que a minha base foi boa na formação, comecei a fazer uns cursos de verão na UNB para entrar no mestrado, mas eu não estava pleno no que quê eu queria, eu tinha capacidade de fazer novamente, de me debruçar sobre os estudos, só que eu não estava pleno sabe. Eu queria uma condição profissional boa e salário, eu ainda não sabia o que eu queria. Eu queria ser funcionário público porque eu tenho família que é funcionário público e tem uma condição financeira melhor, às vezes nem precisou de curso superior, só com o ensino médio e ganha mais que o professor e eu fiquei nessa e me perdi. Não passei no concurso e também não fiz o meu mestrado, então eu me perdi neste meio tempo.</p>
<p>P – Você nunca tinha certeza?</p>
<p>C – É eu nunca tinha certeza, então eu acho que atrapalhou um pouco minha trajetória acadêmica de professor né. E aí o que acontece passaram-se os anos e eu consegui esta vaga no D. Bem aí eu comecei a gostar de dar aula, foi aí que eu descobri dar aulas, não sabia nem o que eu queria, gostava de matemática, mas não sabia o que eu queria você vê que é a profissão de professor digamos assim ela não tem uma boa imagem, é eu acho que não tem uma boa imagem, as pessoas fazer curso pra professor, mas não querem ser professor, eu acho estranho demais, ainda mais um curso específico como matemática, você não quer ser professor? Vai ser o que então?</p>
<p>P – Quem entra para curso de matemática o caminho é ser professor?</p>
<p>C – O caminho é esse até mesmo porque eu fiz licenciatura né, então o foco é mais ainda pra professor né, a gente vê que é diferente de medicina, por exemplo, que as pessoas fazem pra trabalhar na área tem um nome no mercado tem o leque diferente, uma pompa diferente, tem uma vitrine, matemática não, inclusive letras, pedagogia tudo o mais, a pessoa faz porque tem uma afinidade, eu acredito né, porque lá na frente elas não sabem se querem dar aulas ou partir para um concurso ou se vão fazer outra coisa, eu comecei a dar aulas e comecei a gostar disso.</p>
<p>P – Você começou a dar aulas no D.</p>
<p>C – Sim eu comecei a dar aulas no D um pouco antes eu dei algumas aulas particulares, trabalhei em uma empresa que dava aulas particulares foi aí que eu comecei a ter contato com aluno, no D estavam selecionando três professores, tinha uns oito ou nove que estavam concorrendo, eles gostaram do meu trabalho apesar de não ter experiência, daí você vê também a carência de professores, de pessoas que fazem matemática e querem ser professores. Eles perceberam que eu tinha afinidade e tinha perfil, aí eu comecei a dar aulas no D e comecei a gostar.</p>
<p>P – Como é que você se sente hoje na sua profissão?</p>
<p>C – Realização? Eu to realizado, eu to realizado profissionalmente, não financeiramente, acho que esta muito longe de ser realizado.</p>
<p>P – Então você esta dizendo que gosta de ser professor?</p>
<p>C – Eu gosto de ser professor, então só pra finalizar esta pergunta que você fez, então eu deslanchei, eu comecei a dar aulas em cursinhos, na asa sul pro colégio M, eu dei aulas no S eu fui contratado para dar aulas no S e ganhava o triplo do que ganhava no D então eu passei a viver a realidade do professor. O professor C hoje é um professor que é licenciado em matemática só, mas eu penso no futuro de fazer um mestrado, este é meu sonho de realização do professor C não que vai conseguir um cargo numa escola particular ou pública, não, eu ficaria muito realizado se fizesse um mestrado em matemática eu acho que é o sonho de todo professor, é o sonho de todos os professores. Você assistiu a aquele filme Uma Mente Brilhante?</p>

P – Sim.
C – Com certeza assistiu, então quando a gente olha aquele cara de Uma Mente Brilhante, então quando você vê aquele cara você se frustra um pouco, porque aquele cara é alto nível sabe, ele foi até o final, ele fez mestrado, fez doutorado fez pós doutorado, e isso realiza o professor, eu não sei as outras carreiras e tal, mas um mestrado pra gente é fantástico.
P – Mas eu acho que é C pra quem é responsável e que gosta da profissão, porque a pessoa que faz como você mesmo falou que setenta ou oitenta por cento da sua turma fez nas coxas, então não tem estímulo para continuar, quer fazer concurso público, vai fazer cursinho, mas eu acho que o seu desejo tem muito a ver com aquilo que você gosta e aquilo que você esta descobrindo também.
C – Com certeza, com certeza eu penso isso também, eu penso em fazer este mestrado, mas eu acho que tem que ter um planejamento um amadurecimento da pessoa, um amadurecimento de matemática em si. Porque a gente tem que ficar se reciclando, porque na pós tem muita coisa que se repete da graduação, no mestrado não, no mestrado você realmente se aprofunda nas coisas.
P – No mestrado você acha que vai ter mais ferramentas de trabalho?
C – No caso em sala de aula, pra gente aplicar isso em sala de aula?
P – Isso.
C – Bem eu acho o seguinte sobre o mestrado em matemática. Existem três mestrados até onde eu sei matemática pura, existe educação matemática que é acadêmico também e tem o mestrado em matemática profissional. O profissional é voltado pra nossa área em sala de aula, você usa bastante, você descobre ferramentas, você descobre programas de computadores, você aprende a fazer jogos, situações que o aluno aprenda melhor e é voltado pro mercado de trabalho profissional.
P – E qual você gostaria de fazer?
C – Eu gostaria de fazer este pro mercado profissional, minha realidade é sala de aula então um mestrado acadêmico é fora de cogitação, seria uma mestrado em educação matemática ou o mestrado profissional que acho que esta mais voltado pra o que a gente faz em sala de aula então eu me realizaria fazendo um dos dois.
P – Quando você programa suas aulas, o que você usa? Por exemplo, você busca matérias, você busca novos jeitos de dar aquela matéria ou digamos assim é a coordenação que já determina você tem que dar aquela aula, ela que te diz o que você tem que fazer em sala ou você que prepara a aula e tem liberdade para isso. Como é que é isso?
C – Eu vou te dar só um exemplo, só vou fazer um paralelo rápido sobre o que eu passei. O que é no S que é um colégio tradicional e o que é no D que é uma escola mais alternativa com outros princípios que não são basicamente os tradicionais né, existe uma ideia mais interacionista no D então assim no S a gente chega e tem um coordenador de cadeira, e o coordenador de cadeira ele controla a situação sabe, lógico um bom coordenador ele faz um debate, ele sabe muito bem os conteúdos que terão que ser abordados, nos sexto, no sétimo, no nono que vão ser base pro ensino médio.
P – O coordenador direciona para o que vai cair em vestibular da UNB?
C – É o que vai cair em vestibular, é a realidade deles, é o que eles focam no vestibular, então assim lá a gente não tem liberdade nenhuma pra definir, sem chances, você tem que seguir o que é mandado. No S se eles falar que você tem que vencer os doze capítulos, você tem que vencer os doze sabe, diferente do D se não der pra vencer os capítulos tudo bem, a coordenação não vai pressionar, ela só quer saber porque que não deu, ô não deu por conta disso, teve muito feriado, os alunos tiveram muitas dúvidas aqui ali, tá justificado, faz um relatório e pronto. Acho que a experiência neste caso é fantástica.

P – Com certeza, a experiência te da muita bagagem.
C – Nossa! A experiência é fantástica.
P – Você pode se formar no que você quiser, mas o que vai te dar respaldo pra sua profissão é a experiência. Falando em livro, pra fazer este trabalho me foi indicado um livro que é da Chacón, a Matemático Emocional, você conhece este livro?
C – Não.
P – Este livro é fabuloso C ela fez um estudo sobre as questões afetivas que estão envolvidas na aprendizagem da matemática. Eu achei um livro fantástico para quem leciona, é muito rico pra entender a afetividade na aprendizagem, eu não conhecia, mas achei ótimo. Inclusive me ajudou aqui no meu consultório, aliás, fazer este trabalho e conhecer um pouco da realidade em sala me ajudou, pois eu atendo muitos adolescentes que tem graves problemas na aprendizagem da matemática que foram indicados pelas escolas e tem me ajudado muito.
C – A entendi, entendi, eu tenho certeza que têm muitos alunos que tem problemas sérios com matemática, a gente pode dizer que não são problemas de multiplicação, problemas de equação, nada disso são alunos que sabem fazer. Ali em sala eu tenho alunos que em casa a mãe diz: ele esta do meu lado e sabe fazer. Talvez isso que você falou a parte afetiva de ter alguém ali do lado, tá dando uma segurança, tá dando apoio sabe, nem pegou no lápis, que nem tem habilidade em matemática, mas de estar ali ao lado. E o que eu falo pro meu irmão que não sabe muita matemática pra ensinar o filho dele, que tem oito anos, enfim até sabe, mas nem precisa muita coisa é só sentar ao lado dele e a cada cinco minutos faz um elogio, olha elogio a letra elogio uma conta que você acha interessante, a autoestima faz muita diferença, uma pessoa com autoestima boa, confiante faz uma boa prova, e tem professor que pega uma prova e dá um zero, aí fala assim o aluno não sabe matemática, calma aí vamos investigar, será que ta passando por problemas na família?
P – Ótimo você falar isso, porque eu quero saber como você avalia.
C – Você tá falando a avaliação formal?
P - É a avaliação formal, como você faz suas avaliações?
C – Você esta falando da preparação da prova? Ou da correção da prova do aluno?
P – Você pode falar dos dois se você quiser, porque você prepara diante daquilo que você deu em sala, não é isso?
C – Sim, sim, sim com certeza, eu acho que a preparação da prova é complicada sabe, a gente sabe que a matemática é complexa demais, tem aluno que fala assim: não professor, adição, multiplicação, subtração e divisão é fácil, mas eu falo, eu posso tornar isso muito complexo pra você, ele não acredita ele acha que eu to brincando ou que eu to querendo transformar a matemática num bicho de sete cabeças, mas eu falo pra eles, eu posso transformar estas operações num bicho de sete cabeças pra você, então não vai achando que vai fazendo uma provinha aqui e umas continhas ali e acha que ta sabendo. Se eu colocar aqui um probleminha que envolve duas ou três operações é capaz de você não resolver, é o que acontece nos concursos e até nos vestibulares que caem questões do ensino fundamental e ele não sabe resolver, mas ele sabe somar e um monte de coisas, mas botou complexidade não consegue. Então assim as minhas provas eu tento ponderar muita coisa na hora de preparar, eu acho que eu tenho que considerar a minha aula, sabe se eu faço um bom trabalho, se eu cobro muito dos alunos, eu acho que na mesma proporção eu tenho o direito de cobrar também na prova, sabe exigir mesmo deles, bem por outro lado eu tento avaliar os bons alunos, questões que os bons alunos farão nesta prova, eu tenho que considerar também os alunos que têm dificuldades, os alunos que, lógico, eu não considero os alunos que não tem comprometimento sabe, eu não considero eu descarto na hora de preparar aqueles que não prestam atenção na minha aula, eu tiro por base tudo isso na hora de formular a minha prova. Bem aí de dez questões eu coloco duas difíceis, três ou

<p>quatro médias, e uma ou outra fácil, de preferência no começo, bem porque no começo? Porque se ele já começa com momento de pressão logo no começo fica difícil pra ele.</p>
<p>P – Se ele começa com uma difícil ele já trava?</p>
<p>C – Até mesmo porque ele não tem maturidade de pular a primeira e ir pra segunda, sabe ele vai ficar preso na primeira, então assim eu sempre procuro colocar assim a primeira uma questão fácil, nos últimos cinco anos eu sempre coloquei a primeira questão de certo ou errado, né com algumas afirmações que podem ser verdadeiras ou falsas, a segunda também, então eu tento pegar este lado da autoestima do aluno que a gente percebe, que quando a gente esta fiscalizando a gente percebe que os meninos estão rindo, alegre que até pra levantar o ego mesmo deles, eles dizem: está prova está muito fácil, eu falo calma silêncio aí, talvez empolga demais. São coisas pequenas que na minha opinião é considerável sabe, colocar uma questão mais fácil no começo e uma mais difícil no final eu acho que ajuda o aluno a formar a autoestima e dar sequencia, ele pode até não saber as difíceis mas ele vai fazendo as fáceis as médias e é assim que eu preparo minha prova, agora na correção a gente tem duas situações. Lá no D a gente têm alunos laudados e a gente têm alunos que não tem comprometimento cognitivo, então na correção da prova a gente tem que considerar tudo isso. Por exemplo, se eu peço um seguimento de retas, um segmento de retas tem começo e tem fim, então tem um ponto A e B e começa no ponto A e termina no ponto B, eu peço pro aluno criar isso, bem ele leva a régua dele né, o aluno sem comprometimento vai fazer com a régua bonitinho, o aluno que tem o comprometimento ele talvez tenha a régua e não usa, faz com a mão mesmo, às vezes não coloca os pontos, então assim eu tenho que considerar tudo isso. Na essência ele conseguiu criar um segmento ta ali.</p>
<p>P – Está de um jeito que uma pessoa que tem o comprometimento faz?</p>
<p>C – Na essência tá ali ele fez, só que ele poderia ter usado o instrumento dele que é a régua, mas não usou, às vezes esqueceu, às vezes ficou confiante demais nos tracejados dele, bem os detalhes ele não colocou, mas eu no final eu considero, não como uma resposta totalmente correta, mas eu considero muito, tipo uns oitenta por cento. Eu considero a essência oitenta por cento e os detalhes vinte por cento, ao contrário acontece com os outros que não tem comprometimento, daqueles eu quero tudo, eu quero o ponto, o nome do ponto, o tracejado certinho, então existe uma cobrança diferenciada ali.</p>
<p>P – Os alunos sabem disso? Os alunos que são considerados sem o comprometimento eles sabem disso, ou existe um questionamento depois.</p>
<p>C – Olha P no oitavo ano eles já têm a maturidade pra perceber que ali tem uma diferença, por exemplo, eu tenho o R ele usa calculadora eu não autorizo ninguém a usar a calculadora, só ele que usa, eu autorizei o R a usar a calculadora, então assim alguns questionam: a professor o fulano está usando calculadora na hora da prova na resolução, eu falo assim: eu autorizei ele usar e ponto final e não vou explicar nem nada, eu autorizei. Bem eu acho que eles ficam sem entender um pouco, ou não entendem por completo a situação, só sei que existe às vezes alguns questionamentos, ora eu tenho alunos ali que tem diabetes, por exemplo, ele tem que sair pra lanche, o lanche é só dez horas, mas se ele ta pedindo pra sair eu tenho que liberar o aluno, então alguns não entendem: a professor você esta deixando o fulano sair. Eu não posso dizer: olha amigo eu to deixando ele sair por conta deste problema, deste problema e deste problema, eu não tenho o direito de entrar no mérito.</p>
<p>P – Não é uma questão que talvez você pudesse levar para uma discussão da coordenação e até mesmo para os pais? Porque veja bem, uma das coisas que eu percebi ali com os alunos, olha já estou te fazendo uma devolutiva, o que eu percebi é um sentimento de injustiça, vamos pensar aqui, eu vi lá que têm alunos bem maduros, super tranquilos, conscientes e não se preocupam com isso. Mas têm crianças que entram neste embate, ou elas não tem maturidade ou elas vivem num mundo de disputa, então eu não sei como ficaria na coordenação, mas qual seria o problema de se discutir isso abertamente? Preconceito? Ou veja bem, porque a gente precisa considerar que é uma dificuldade, e falar claramente, mas veja bem, com a autorização da equipe pedagógica pra todos trabalhar da mesma forma não só na aula de matemática, e os pais estarem cientes. Eu gostei muito da proposta do D nesta questão da inclusão e considerar isso como você esta fazendo, eu acho isso importantíssimo pra estas crianças.</p>
<p>C – Com certeza, com certeza.</p>

<p>P – Porque não somos todos iguais, quem é diferente deles tem que cobrar sim, mas eles precisam saber desta diferença, na minha concepção eles precisam saber desta diferença. Olha pra você que não tem problema nenhum não vamos cobrar desta forma, para o outro que já tem uma dificuldade, um comprometimento que é diagnosticado por um médico. O que quê acontece, estão cobrando de você, é você que está ali na berlinda, é você que esta ali na frente com o aluno insatisfeito, se sentindo injustiçado, com você fazendo preferências, porque é isso que eles percebem. A percepção que eu tive dos alunos é assim, o professor C não tem critério, não tem critério pra anotar, ele faz do jeito que acha que deve, se eu faço A ele me anota, agora o outro lá faz a maior bagunça e ele não fez nada, e até onde não está nesta diferença, então quem está sendo julgado é você, é de você que eles se queixam.</p>
<p>C – É verdade.</p>
<p>P – E o adolescente ele é muito questionador, ele se sente injustiçado é o mundo que é o culpado pelas aflições dele, o adolescente tem esta característica, a gente sabe que ele pensa que é o centro do mundo e se acontece alguma coisa que não está boa pra mim, o culpado não sou eu, então um pouco do que eu percebi é isso. O critério de avaliação da prova pra eles é uma coisa forte também, o que me pareceu é que o professor C exige muito na sala, mas na hora da prova não cobra tanto. Olha o que você tem que considerar o aluno que tem capacidade, o aluno que tem diagnóstico, mas eles não entendem.</p>
<p>C – É verdade.</p>
<p>P – Eles acham que quando você dá toda esta matéria, eu nem vou prestar atenção em toda esta matéria, pra que? Se depois ele não cobra direito na prova? Cobra na sala e não cobra na prova, aí existe um desânimo do aluno que é o bom aluno. Não tem como fazer prova diferenciada?</p>
<p>C – Sabe que eu acho? Isso aí foi o que eles falaram né, naquela sala eu tenho doze alunos que tem laudo né, então assim, eu posso dizer que nenhum consegue nota, nenhum, nunca conseguiram e eu dou aula pra eles deste o sexto ano. Da grande maioria que não tem laudo, eu diria que só uns sessenta por cento que conseguiriam tirar notas, isso pra mim é fantástico, porque a gente tem um retrospecto ali dos anos anteriores de alunos fraquíssimos. Aquela turma ali é muito boa. Bem aí eu pergunto se o professor C esta dando a matéria e ele não esta cobrando na prova o suficiente ele deveria dar a resposta com uma nota muito boa sabe, tipo assim se eu to dando coisas avançadas demais e na prova eu não coloco no mínimo pra ser coerente pra este que fez a crítica de que não cobra ele deveria tirar uma nota muito boa, porque eu posso fazer uma prova muito difícil eu sei quem vai tirar nota eu sei os alunos coerentes né, mas existe uma parte que não vai conseguir.</p>
<p>P – Você está dizendo que pode ser também uma desculpa que eles utilizam para justificar as notas baixas?</p>
<p>C – O D trabalha assim com os objetivos específicos da prova, então o professor C vai falar sobre Triângulo, então a gente cola na sala quais são as habilidades que o aluno precisa ter pra fazer a prova do C eu não coloco no quadro assim: gente a prova vai da página tal até a página tal eu não faço isso, a escola diz que eu não posso fazer isso, eu tenho que mandar junto com a prova os objetivos específicos da prova, o aluno tem que saber pra ele se dar bem, ora se eu for dar polígonos, eu vou colocar que ele tem que saber somar os ângulos internos de um polígono, este é um objetivo que ele tem que alcançar nesta prova, então o que eu faço, eu sou um professor de matemática e coloco tudo bem detalhado, tem professor que coloca o que vai cair é o capítulo seis e dentro do capítulo seis tem uma infinidade de tópicos eles não colocam isso. Eu coloco, se vou falar de polígono eu coloco bem detalhado os objetivos que ele tem que alcançar. Então talvez o aluno olha pra aquilo e toda vez ele tem que questionar, é muita coisa professor, e tem professor que coloca e não dá três linhas né, o meu fica numa folha paisagem dobrada ao meio de um lado cheio de objetivos e do outro também. Então eles ficam com a sensação que é muita matéria, eu explico pra eles que o professor C só quer facilitar a sua vida, pois tem coisas que realmente eu não vou cobrar. Tem matéria que como geografia você vê quatro paginas por semana, em matemática você vê duas. Até ele assimilar tudo aquilo, até ele amadurecer tudo aquilo eu não posso avançar. Aquilo ali é só pra ratificar que o aluno estudou e aprendeu pra formalizar, só isso. Eu tenho embasamento eu sei quem estudou e quem vai passar e o aluno não entende isso, ele não entende que eu estou colocando uma infinidade de objetivos, mas eu to só facilitando a vida dele. Talvez eles possam interpretar que é muita coisa porque é muitas palavras né, mas na verdade não tem tanta coisa assim, aí eu vou item por item e começo a explicar, aí eles questionam professor pra que isso? Aí eu explico, este item pode ser feito usando o item</p>

<p>de baixo, na verdade está tudo relacionado no mesmo capítulo, eles não entendem isso, porque eles não têm ideia do todo né, a gente tem ideia do todo, eles só tem ideia do ponto isolado né, eu coloco lá que tem as retas, os polígonos e ele não entende que esta tudo relacionado com os lados, com ângulos internos, com a soma dos ângulos internos, então ele não consegue e eu prefiro facilitar a vida dele.</p>
<p>P – Você acha que a afetividade é digamos assim uma barreira, porque olha só o que você esta me dizendo, que por um lado você está clareando, trazendo elementos para que ele tenha direção no estudo, você esta direcionando o estudo dele com este seu objetivo em detalhes, você está dizendo eu quero isso, claro que com isso você não precisa cobrar tudo na prova, isto serve para o futuro dele. Como é que você acha que em algum momento está imagem que você tem da matemática, que como você mesmo disse que é uma coisa complicada uma coisa difícil, já é um impeditivo para ele olhar aquilo e ver: não é tanto assim. Está imagem da matemática como difícil já é uma barreira e ele olha e diz que está difícil? O que você acha que está envolvido nesta queixa dos alunos?</p>
<p>C – A queixa nesta coisa de cobrar, ou colocar na prova aquilo que eles achariam que ia ser? Qual o sentimento que está passando na cabecinha deles é isso? É isso que você quer saber?</p>
<p>P – É porque a gente sabe que a matemática vem carregada com esta questão emocional, que só o medo que dá vendo tudo aquilo impede de você fazer, porque já que eu tenho este medo eu nem vou tentar fazer.</p>
<p>C – Entendi.</p>
<p>P – Porque quando eu pego aquilo tudo, eu já penso, meu Deus do Céu tudo isso eu não vou dar conta de fazer, eu não sei matemática eu não vou dar conta disso.</p>
<p>C – É, mas é um paradoxo aí né, talvez seja aquilo que você falou, com os alunos que tem laudo de a gente sentar e conversar, eu sou bem democrático ali, eu falo pra eles se vocês quiserem eu só coloco o capítulo do livro, só que uma parte que já tem maturidade fala: não professor coloca aí realmente o que vai cair os tópicos e tal. Na última vez eu passei uma quantidade de exercícios pra eles fazerem, dei uns oito exercícios difíceis, dos difíceis que eu passei vão cair quatro, vão cair alguns aí parecidos com isso, no dia da correção eles não estavam querendo e eu deixei bem claro pra eles se vocês não querem pra mim tanto faz, eu não quero esta responsabilidade pra mim, eu transfiro pra eles, porque eu acho que é eles que têm que sofrer com esta responsabilidade e não eu, de querer corrigir o exercício. Se fosse do sexto ano eu até exigiria um comprometimento agora no oitavo eu não exijo isso, se eles não querem eu só falo as consequências do que vai acontecer e passo a bola pra eles eu não vou ficar parado esperando eles resolverem e é isso, se eles querem discutir a gente discute quais as consequências de não ter esta correção, as consequências de ficar aqui com os bates papos ali isolados, a gente discute tudo isso, tanto a curto prazo como a longo prazo.</p>
<p>P – Olha só...</p>
<p>C – Eu acho que não respondi sua pergunta não entendi direito.</p>
<p>P – Tudo bem, nossas questões já estão quase todas respondidas, eu agora quero te passar o que eu percebi porque senão vou tomar muito o seu tempo. Eu percebi uma aluna em sua sala que durante a sua explicação ela estava fazendo outras atividades, e não estava prestando atenção, ela e outros alunos também, mas esta aluna quando você ia passar para outro tópico de explicações, ela levantava a mão e dizia: professor eu não entendi nada, aí o que você fez você parava com tudo e explicava com muita paciência, isso se repetiu umas três vezes, ela atrapalhou a sua aula de forma muito evidente, por que enquanto você explicava para ela, a turma se dispersava, pois já tinha prestado atenção. Uma coisa que os alunos gostam muito em você é que você tem muita paciência para explicar, isso é positivo eles admiram muito isso em você, mas até onde esta aluna é merecedora, e até onde você tendo um olhar um pouco mais detalhado da sala não possa ser mais observador? Pra mim tem alguns momentos que o adolescente não pode decidir.</p>

C – Não pode decidir?
P – Não, você decide por eles. Quando você joga para eles escolher, eles não têm maturidade para escolher e nem pra saber se eles podem fazer, porque aí eles vão para embate, quando você abre para eles decidir, o que acontece? Claro que você vai decidir por algo que precisa, vou utilizar aqui como exemplo quando você perguntou a eles que dia eles queriam a prova, você ta criando neste momento, olha eu estou tendo toda a liberdade de falar pra você de uma forma bem tranquila tá.
C – Claro com certeza, pode ficar a vontade.
P – O que acontece com isso, você esta passando uma decisão que é sua pra eles, vai existir conflito, porque um vai querer num dia outro no outro e você esta neste momento estimulando um conflito.
C – A entendi, entendi.
P – Então tem coisas que o aluno não tem que escolher você cria entre eles um conflito, uma discussão.
C – Uma disputa de ego né.
P – É uma disputa de ego, aí você diz: não a prova vai ser tal dia, o dia que você resolveu fazer a aprova coincide com a vontade de alguns e não de outros, o que quê fica? O professor prefere aqueles alunos, e aí vem à afetividade, o professor gosta mais daqueles alunos e não gosta de mim porque ele preferiu aquele grupo, então têm coisas que você pode deixar que eles escolham, mas têm coisas que eles não podem escolher, eles não podem escolher se eles vão fazer os exercícios ou não, eles tem que fazer, é você que esta falando pra eles fazer, e você sabe que é importante que eles façam, tem coisas que você pode deixar eles escolher, tem pode ter, mas eu não saberia dizer o que, pois você que pode avaliar o que é possível eles escolher sem criar conflitos. A questão é que em um momento você relaxa e em outro você cobra, é forte pra eles, e aí quando você pede pra que eles peçam para ir ao lixeiro isso vira uma catástrofe.
C – A entendi, é como se ficasse assim: o professor C não tem coerência.
P – Isso, exatamente isso.
C – Entendi, eu tenho medo de ser coerente, eu sei que a gente abre mão de algumas coisas ali e tal, mas eu acho assim eu tenho medo de ser totalmente coerente, ou rigoroso, talvez pelo, não sei sabe, eu acho que isso vai ser complicado,
P – não é...
C – Talvez seja o modo que eu vou colocar.
P – Isso porque tem coisas que você pode afrouxar, é a mesma coisa que a educação de um filho: o que é que eu quero pro meu filho, o que é importante e que eu preciso exigir que ele faça? E o que é que eu posso abrir mão? Não preciso ser tão exigente, eu não preciso ser tão rude, onde que eu posso soltar e onde que eu preciso apertar? Então eu acho que melhor que ninguém você que esta dentro da sala de aula sabe o que é que você pode exigir e o que você não precisa exigir. Porque quando você se torna assim, abre mão em algum momento, eu percebi C que você não quer que as crianças percam a atenção, mas logo em seguida você dá um momento de relaxamento, claro faz parte do aprender também, mas pra eles é confuso.
C – A entendi.
P – Pra eles está confuso, eles estão inseguros, eles estão inseguros dentro de sua sala de aula, foi esta a observação que eu fiz. Dentro do aspecto do desenvolvimento infantil o adolescente é questionador, o mundo gira em torno deles, eles têm urgências, as necessidades deles têm que ser resolvidas com urgência, não pode esperar para ir ao banheiro, não pode esperar pra beber água,

<p>minha necessidade tem que ser satisfeita agora, naquele momento, então adolescente é assim o tempo pra ele é diferente do tempo que é pra nós, então talvez olhar um pouco pra este aspecto do desenvolvimento te ajude um pouco e faça com a aula não seja tão tensa, nem pra você nem pra eles, e talvez eles consigam gostar mais da matemática.</p>
<p>C – A entendi, entendi.</p>
<p>P – Olha porque eu vou te falar uma coisa, eu tenho uma grande lembrança afetiva do meu professor de física, foi ele que me ensinou a gostar de física e ele era muito exigente, por outro lado ele era atencioso, carinhoso, ele olhava as particularidades dos alunos em sala, na minha lembrança afetiva foi ele que me ensinou a gostar de física, porque o professor pode ajudar a gostar ou não gostar. No meu trabalho eu fiz uma pesquisa de memórias afetivas de pessoas adultas na aprendizagem, do que elas lembram na aprendizagem, é impressionante, alguma vez você já fez isso?</p>
<p>C – Não.</p>
<p>P – Se você tiver curiosidade pergunta o que elas lembram na aprendizagem, tem muita coisa relacionada com a questão emocional.</p>
<p>C – Então assim na sua opinião eu, eu sou muito sério sabe, de uns anos para cá ou do ano passado pra cá, eu to me soltando mais.</p>
<p>P – Você está se sentindo mais seguro?</p>
<p>C – É eu acho que estou me soltando mais e tal, mas acho que isso que eu estou fazendo em sala que tenho uma conversa que a gente tenha de outro assunto, ou contar uma piada, eu não sei contar, mas às vezes eu falo alguma coisa engraçada, eles acham que eu preparo, mas eu não preparo, uma palavra diferente eles dão uma gargalhada, e a pergunta é em que momento eu faço? Porque é esta questão né, você está dando aula e daqui a pouco acontece alguma coisa, coisas engraçada, você até pode se calar mas a tua expressão.....</p>
<p>P – Claro C ...</p>
<p>C – É como você falou, eu to me sentindo tão seguro de mim que estou conseguindo ser espontâneo, eu era muito retraído a vida toda, tive uma vida muito difícil e hoje eu consigo ser um pouco espontâneo sabe, como você falou eu faço a brincadeira, dou uma risada e já chamo a atenção, acabo gente, e uma parte consegue e outra não consegue, o que eles querem um pé pra aula se tornar uma bagunça, eles devem pensar assim: poxa o professor C pode fazer as brincadeiras e na minha hora eu não posso, e aí começa a me sufocar, é eu não sei.</p>
<p>P – Eu não acho que você tenha que ser mais duro não, você deve ser tranquilo do jeito que você é, segue seu curso só presta um pouco mais de atenção, porque eu acho que a comunicação não esta bacana, a questão de eles saberem com clareza estes critérios de avaliação em função de como são feitas, das necessidades de que pra que você precisa aprender a matemática, aprender a geometria, onde eu aplico isso, talvez você possa trabalhar um pouco mais com material concreto, inventar alguma coisa diferente. Têm varias revistas que trabalham com criatividade em sala, com estímulo do raciocínio lógico, pra depois você introduzir um conteúdo mais difícil, tem muito material se você der uma buscada na livraria, na internet tem muito. Eu sugiro que você traga pra dentro de sua sala pra que eles mesmos consigam ver a aplicação da matemática. Tem mais uma coisa que eu quero te falar antes de a gente encerrar, é que eu percebi na sua sala uma grande interrupção, muito interrompida, por pessoas que entram em sua sala pra dar recados, chamar alunos ou fazer alguma coisa, e pelos próprios alunos. No dia da devolução eu falei isso com eles, olha só você está construindo um raciocínio e ele é cortado em função de algo externo, até você retomar, cansa você, cansa os alunos e demora pra retomar, fica mais difícil de dar o conteúdo, então não sei como você pode falar na direção, dizer dos prejuízos de sua aula ser interrompida e da necessidade de se respeitar o seu momento que isso está te prejudicando em sala.</p>
<p>C – Com certeza eu percebo claramente isso também.</p>

P – Então veja só, me parece que a escola tem um pouco desta falha e isso te atrapalha, atrapalha você, atrapalha o aluno e o andamento das aulas.
C – É eu já tinha percebido isso, a escola não tem um protocolo. As provas dos alunos laudados, eu entrego na orientação e eles têm que refazer esta prova, estes alunos laudados são chamados na aula, na hora da aula, chega alguém e fala: fulanos tal, tal tem que descer, ele vai lá buscar a provinha dele, pronto já tem uma interrupção, aí eles voltam e tiram a atenção de todo mundo.
P – Exatamente.
C – É tem outra coisa também, quando eles pegam esta prova e fazem eles buscam o momento de minha aula num momento de estresse meu ou deles, eles falam assim: professor tenho que entregar esta prova lá na orientação, eu falo: amigo mas você pode entregar em outro horário, eles ta no memento dele, ele deve pensar assim: poxa eu tenho que entregar isso aqui, não to pedindo pra ir tomar refrigerante na cantina não. É a regra da escola, e ele joga como argumento forte.
P – É eles não podem esperar, espera aí esta via esta com uma via de uma mão só? Se a coordenação pode interromper a aula porque eu não posso, pra eles é sério, não existe critério, e devem ser nas outras disciplinas também.
C – Com certeza, com certeza. Eu acho isso triste, existe um desgaste. É bem bagunçado mesmo com certeza.
P – Mas pode ser uma questão de ajuste, talvez a coordenação não se dê conta disso. Quero te agradecer e te falar mais uma coisa, você é o mestre em sala, é em você que eles confiam, então quando eles estiverem inseguros dê esta segurança a eles, você e eles merecem. Estou a disposição pra qualquer dúvida entre em contato comigo.